

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

**Jonathan Philippe Fernandes Barboza Dos Santos**

**(RE)APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ESTUDO DE CASO SOBRE AS  
HORTAS COMUNITÁRIAS DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO  
BAIRRO SERRA VERDE**

**Belo Horizonte**

**2017**

**JONATHAN PHILIPPE FERNANDES BARBOZA DOS SANTOS**

**(RE)APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ESTUDO DE CASO SOBRE AS  
HORTAS COMUNITÁRIAS DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO  
BAIRRO SERRA VERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ciências Socioambientais da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Socioambientais  
Orientador Prof. Dr. Felipe Nunes Coelho Magalhães.

---

ASSINATURA DO ORIENTADOR

**Belo Horizonte**

**2017**



# (RE)APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

ESTUDO DE CASO SOBRE AS HORTAS COMUNITÁRIAS DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO  
BAIRRO SERRA VERDE

JONATHAN PHILIPPE FERNANDES BARBOZA DOS SANTOS

## **Dedicatória**

*À memória de Therezinha Maria de Jesus Barbosa.*

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente aos meus pais e minha irmã, por serem o princípio de uma visão crítica acerca do mundo e por motivarem a constante busca pelo conhecimento. Aos companheiros de graduação desde o começo da jornada Bruno Messeder, Junia Rafaela, Luciana Fagundes Maryellen Milena e aos que conquistei durante o percurso Barbara Noronha, Fabíola Emanuelle, Pedro Dias e Pedro Reis agradeço estes pela constante troca de experiências acadêmicas e cotidianamente. A família que transcende laços sanguíneos, Larissa Rodrigues, Jivago Gonçalves e Gustavo Souza, que sempre me motivaram a realizar conquistas e tomar decisões importantes durante a vida e pelo percurso universitário. Ao Freddy Cosme, arquiteto e urbanista, pela motivação e inspiração durante o árduo processo de construção, e pela ilustração que abarcou toda a sensibilidade das relações do tema dessa monografia. Ao Professor Dr. Felipe Magalhães pelo auxílio e orientação neste estudo. A UFMG e a UNB por possibilitarem um crescimento pessoal e acadêmico em minha estada por estas instituições durante a graduação. Ao núcleo de ações educativas, acessibilidade e pesquisa do Espaço do Conhecimento UFMG onde a troca multidisciplinar ajudou nas discussões acerca da apropriação da cidade. Por fim, mas não menos importante, à cidade de Belo Horizonte pela possibilidade de vivenciar diferentes configurações referentes à apropriação do espaço e enriquecer a empiria dessa monografia.

## RESUMO

O tema apropriação do espaço é de bastante relevância para o planejamento das cidades para que este leve em consideração, em sua concepção, as pessoas e suas relações e não somente o tráfego de veículos e outros aspectos semelhantes de ordem estritamente técnica. Cidades voltadas para contatos humanos, com a natureza e com a possibilidade de autonomia alimentar são de grande importância para a temática socioambiental urbana. Este estudo busca relacionar as hortas comunitárias como uma forma de (re)apropriação do espaço urbano frente a grandes empreendimentos citadinos que descaracterizam as relações por meio da gentrificação. Para tal, buscou-se conhecer, através de um estudo de caso, experiências de hortas comunitárias na região de Venda Nova, em Belo Horizonte, na associação de moradores do bairro Serra Verde, região esta que vem sofrendo com a gentrificação do espaço advinda da instalação da Cidade Administrativa de Minas Gerais no entorno do bairro. Utilizou-se de observação participante e entrevistas aos agricultores dos canteiros, aos moradores do entorno da associação e das gestoras do espaço, a fim de analisar as relações com o local e com as hortas, no bairro Serra Verde. Após as entrevistas, foi possível notar a importância da associação de moradores e das hortas comunitárias, no contexto do Bairro Serra Verde, pois estas causam deslocamentos das pessoas pelas ruas do local, fazendo assim uma apropriação de seu espaço e de maior circulação. Mesmo a região sofrendo modificações devido ao tráfego intenso de carros durante alguns horários, esses locais motivam que as pessoas conquistem as ruas e apropriem seus espaços de direito ao frequentá-los. Por fim, espera-se que o estudo contribua para que as relações entre formas de agriculturas urbanas e (re)apropriação dos espaços se dêem de forma mais orgânica e não sejam vistas como relações opostas e sim complementares.

Palavras-chave: espaço urbano; hortas comunitárias; gentrificação.

## **ABSTRACT**

The theme “space appropriation” has a great relevance for planning the cities because it can regard in its conception the people and their relations, not only the traffic of vehicles and topics in extremely technical orders. The cities focusing in human contact, with nature and the possibility of self-production of food are topics of great relevance for the urban socioenvironmental theme. This research is intended to analyse the community gardens as a way of (re)appropriation of the urban space facing the big entrepreneurs of the city that deprive the relations through gentrification. Regarding this aim, we tried to understand, by studying specific cases, the experiences of community gardens in the district of Venda Nova, in Belo Horizonte, in the association of residents in the neighborhoods of Serra Verde, area suffering the process of gentrification of space as a result of the accommodation of the buildings belonging to the public power in the state around the district. It was used the observation of participants and interviews with the local farmers, the inhabitants around the association and the managers of the space, for analyzing the relations with the place and the community gardens in the district of Serra Verde. Through the interviews, it was possible to notice the relevance of the residents association and the community gardens, in the district studied, because it causes the displacement of people to the streets in the place, resulting, so, in a appropriation of the space and a higher level of circulation. Even suffering changes caused by the intense traffic of cars in some specific hours, this places motivate people conquer the streets and get their spaces of right by going into them. Lastly, we hope this research contributes to the relations between agriculture ways and the (re)appropriation of spaces become more organics and not seen as opposed themes, but complementaries.

**Keywords:** urban space; community gardens; gentrification.

## **LISTA DE SIGLAS**

AG: Agricultores

AU: Agricultura Urbana

CAMG: Cidade Administrativa de Minas Gerais

CEVAE: Centro de vivência agroecológica Serra Verde

CHISBEL: Coordenação de habitação de interesse Social de Belo Horizonte

GE: Gestoras da Associação e da Horta

M.E: Moradores do entorno entrevistados

S.M: Substantivo Masculino

S.V: Serra Verde

PBH: Prefeitura de Belo Horizonte

RMBH: Região Metropolitana de Belo Horizonte

COURB: Instituto de urbanismo colaborativo

## ÍNDICE DE IMAGENS

### Figuras

Figura 1: Planta geral da cidade de Minas Gerais 1895 -----	19
Figura 2: Município de Belo Horizonte 1940 -----	20
Figura 3: Linha do Tempo Belo Horizonte X Venda Nova 1890 a 1919 -----	24
Figura 4: Linha do Tempo Belo Horizonte X Venda Nova 1920 a 1949 -----	25
Figura 5: Linha do Tempo Belo Horizonte X Venda Nova 1950 a 1979 -----	26
Figura 6: Linha do Tempo Belo Horizonte X Venda Nova 1980 a 2007 -----	27
Figura 7: Regiões administrativas de Belo Horizonte -----	29
Figura 8: Regionais e os Bairros de Belo Horizonte -----	36
Figura 9: Bairros de Venda Nova -----	37
Figura 10: Vista de satélite do bairro Serra Verde -----	39
Figura 11: Vista de satélite da associação de moradores e o seu entorno -----	39
Figura 12: Vista da associação de moradores antes da reforma -----	40
Figura 13: Vista da nova sede já reconstruída e se reestruturando -----	42
Figura 14: Vista da associação reformada e com os espaços destinados para os canteiros -----	43
Figura 15: Foto dos canteiros já estruturados e sendo cultivados -----	44
Figura 16: Foto da praça do Bairro S.V com vista da academia -----	45
Figura 17: Foto da praça do bairro S.V vista para o coreto -----	45
Figura 18: Foto da praça do bairro S.V vista da rua de cima. -----	46
Figura 19: Cartaz da horta comunitária S.V afixado na porta da associação de moradores -----	47
Figura 20: Vista da porta das hortas comunitárias do lado de dentro da associação -----	52

## Gráficos

Gráfico 1: Faixa etária dos M.E entrevistados -----	53
Gráfico 2: Tempo de residência dos M.E entrevistados -----	54
Gráfico 3: O que mais agrada no bairro os M.E entrevistados -----	56
Gráfico 4: O que os M.E entrevistados gostaria de ter no bairro -----	56
Gráfico 5: Espaços de convívio social apontados pelos M.E entrevistados-----	59
Gráfico 6: Se os M.E entrevistados consideram as hortas mecanismos para o aumento da sociabilidade no bairro -----	60
Gráfico 7: Faixa etária dos AG entrevistados -----	62
Gráfico 8 : Tempo de residência dos AG. Entrevistados -----	62
Gráfico 9: O que mais agrada no bairro os AG entrevistados -----	63
Gráfico 10: O que os AG entrevistados gostariam de ter no bairro -----	64
Gráfico 11: Espaços de convívio social apontados pelos AG entrevistados -----	65
Gráfico 12: O que fazem com o excedente das hortas comunitárias -----	66

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	13
2	Objetivos .....	16
2.1	Objetivo geral.....	16
2.2	Objetivo específico.....	16
3	Metodologia .....	17
4	Histórico urbanístico de Belo Horizonte e da região de Venda Nova: A Gentrificação e novos usos dos espaços.....	18
4.1	Belo Horizonte .....	18
4.2	Venda Nova.....	22
4.3	Novos usos dos espaços e a gentrificação .....	28
4.4	A gentrificação na região de Venda Nova.....	31
4.5	O que é o Espaço e como apropriar?.....	33
5	Estudo de caso: Horta urbana do Centro Comunitário Serra Verde em Venda Nova. ....	36
5.1	Caracterização do bairro.....	36
5.2	Histórico da Associação de Moradores e a Horta Comunitária. ....	39
5.3	Hortas urbanas: um mecanismo para apropriação do espaço urbano.....	47
5.4	Estudo de Caso.....	50
6	Discussões e resultados .....	52
6.1	Moradores do Entorno.....	53
6.2	Agricultores.....	61
6.3	Gestores da Associação e da Horta Comunitária .....	67
7	Conclusão.....	70
	REFERÊNCIAS .....	74
8	Anexo 1 – Perguntas do questionário semi estruturado .....	77

## **1INTRODUÇÃO**

O trabalho se propõe a entender as relações de apropriação e re-apropriação da cidade a partir de hortas comunitárias nos espaços urbanos que foram alterados por grandes empreendimentos e da gentrificação causada por estes. Para tal pesquisa, tem-se como estudo de caso a associação de moradores do bairro Serra Verde em Venda Nova, localizada em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais.

Nesta região, pode-se averiguar os possíveis impactos de um empreendimento de grande porte, como a mudança da Cidade Administrativa de Minas Gerais para a região Norte da capital, e como este exerce ou não pressões e alterações no modo de vivenciar e se apropriar do Serra Verde, bairro que possui experiência de hortas comunitárias que são oferecidas pela associação.

O bairro, atualmente, é um lugar que possibilita o contato próximo entre vizinhos. Se, a medida que este se sofisticava, perde esse contexto de encontro social, há o risco do cotidiano da região se esvaziar dessas trocas.

Partindo da ideia de esvaziamento e falta de reconhecimento das comunidades locais com o seu espaço, advindos de mudanças relacionadas a grandes alterações em seu entorno, Gehl (2013) afirma que

em geral, as cidades de rápido crescimento nos países emergentes têm uma série de características comuns. O tradicional tráfego de pedestres e bicicletas está diminuindo e o crescente tráfego motorizado está entupindo as cidades. Ao ponto de implosão. (...) Carros e motocicletas ficam presos nos infundáveis congestionamentos do trânsito, o tempo do transporte aumenta para todos e problemas com ruído, poluição do ar e acidentes de trânsito crescem a cada dia. (GEHL, 2013, p. 219)

Faz-se assim necessária a execução desse estudo, para que possamos entender as dinâmicas e impactos socioambientais que grandes empreendimentos podem acarretar a lugares com um sentido de pertencimento estabelecido. Uma vez que

(..) a proximidade que interessa ao geógrafo conforme já vimos – não se limita a uma mera definição das distancias; ela tem que ver com a

contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações. (...) Pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade”. (SANTOS,p.214-215)

Impactos esses que, como consequência, podem desconfigurar as relações com esse local, esvaziando os lugares de pessoas e aumentando o tráfego de veículos, se reduzindo apenas à circulação de pessoas, sem um pertencimento com a localidade. “Na verdade, pode-se afirmar que o espantoso incremento do tráfego significou uma clara diminuição das oportunidades de autoexpressão e da qualidade de vida para grandes grupos de população, especialmente os mais pobres”. (GEHL, 2013, p. 219)

Com isso, vê-se a necessidade de uma cidade para todos, onde as pessoas possam vivenciar seus espaços e darem, conseqüentemente, vida aos espaços coletivos, como aponta Gehl (2013): “Estudos de cidades do mundo todo elucidam a importância da vida e da atividade como uma atração urbana. As pessoas reúnem-se onde as coisas acontecem e espontaneamente buscam outras pessoas” (GEHL, 2013. p.24).

Jaime Lerner aponta que uma solução para as cidades seria as pessoas circulando pelas ruas. “Menos rodovias, mais cidade, mais gente, mais bicicletas. Talvez esta seja a acupuntura necessária” (LERNER, 2015, p.20). Para Lerner, a identidade e o reconhecimento com a cidade vem se perdendo pelo esvaziamento do trânsito de pessoas para dar lugar aos carros: “Pena que um pouco da identidade da cidade tenha se perdido com as avenidas muito grandes, um exagero de superdimensionamento. Para atravessá-las, lá vai você subindo e descendo pelas passarelas.” (LERNER, 2015, p. 21).

As hortas comunitárias funcionariam então como forma de habitar as cidades e de se relacionar com o ambiente? Questões como estas e como as que Almeida e Costa (2012) pontuam, motivaram o estudo de caso deste trabalho.

A politização das experiências de agricultura urbana (como prática coletiva centrada no valor de uso, num cotidiano não dirigido, que nasce de um espaço vivenciado) pode representar uma alternativa de transformação da vida cotidiana e de alteração das bases sobre as quais se estrutura o modo de produção capitalista? (ALMEIDA, A. COSTA, H, 2012, p. 15).

Para tentar responder tais questões o trabalho foi estruturado em 8 capítulos. Na introdução buscou-se pontuar questões que motivaram a pesquisa, no capítulo 2, é pontuado os objetivos gerais e específicos que esta pesquisa se propõe. O capítulo 3 é focado em contar qual foi o método utilizado para conhecer o contexto de urbanização

das regiões escolhidas e como entender o objeto de estudo com entrevistas e observação participante para uma maior proximidade dos agricultores. No capítulo 4, busca-se fazer uma historicidade da urbanização de Belo Horizonte e da região de Venda Nova a fim de melhor entender a relação de influência da capital mineira na região vendanovense, chegando assim aos novos usos do espaço e da gentrificação nessa região. Busca ainda entender como esses espaços podem ser apropriados pela população e discute o que é esse espaço urbano e de quais formas ele pode ser (re)apropriado.

A partir do capítulo 5 entra-se de fato no estudo de caso das hortas comunitárias do Serra Verde que estão inseridas dentro da associação de moradores do bairro. Neste, vemos a importância das hortas comunitárias como instrumento para essa ocupação do espaço pelos moradores. No capítulo 6, é averiguado os dados individuais de cada ator participante do contexto das hortas comunitárias da Associação de Moradores, para que, no capítulo 7, seja possível aferir algumas ponderações e conclusões sobre os impactos socioambientais de grandes empreendimentos na escala do bairro, e como as hortas comunitárias exercem um papel de re-significação e identidade com seus moradores.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Conhecer as formas de urbanização da capital mineira e de Venda Nova. Analisar se Belo Horizonte altera as relações de Venda Nova com o espaço. Analisar como a Cidade Administrativa influencia atualmente na apropriação do espaço do bairro Serra Verde e ter conhecimento das possibilidades a partir da agricultura urbana para a apropriação do espaço.

### **2.2 Objetivo específico**

- Conhecer práticas de experiências com hortas comunitárias da Associação de Moradores no bairro Serra Verde em Venda Nova.
- Descobrir se estas hortas ajudam na sustentabilidade local, soberania alimentar e melhor ocupação de espaços e vazios urbanos que não eram utilizados para fins socioculturais e ambientais.

### **3 METODOLOGIA**

O método, nesse trabalho, irá consistir em levantamento bibliográfico para entender a história da urbanização de Belo Horizonte e da região de Venda Nova, buscando entender os mecanismos utilizados para a urbanização e como progresso e o desenvolvimentismo afetaram o contexto das regiões com a criação de grandes avenidas, novos loteamentos, a expansão urbana, entre outros.

Verificará, por análises bibliográficas, o contexto da atual urbanização de Belo Horizonte e de Venda Nova e os processos de gentrificação da região de Venda Nova. O estudo ainda contou com visitas a campo à Associação de Moradores do Serra Verde, bairro este inserido dentro da região de Venda Nova, próximo a Cidade Administrativa de Minas Gerais, obra essa que alterou drasticamente a região.

Esse Centro Comunitário possui experiência em hortas comunitárias, logo, as visitas se darão a fim de entender como as hortas ajudam (ou não) a manter a comunidade coesa após a vinda de um grande projeto de urbanização para região, através de observações participativas e aplicação de questionário aos atores do contexto do bairro, os agricultores das hortas comunitárias, os moradores do entorno e funcionários da associação.

Por fim, serão analisados os dados empíricos para descobrir qual a sensibilidade do bairro em relação à mudança das características advindas de um grande projeto imobiliário e urbanístico, e como os moradores utilizam a horta comunitária para estreitar laços e impedir que o bairro perca as características socioculturais e ambientais.

## **4 HISTÓRICO URBANÍSTICO DE BELO HORIZONTE E DA REGIÃO DE VENDA NOVA: A GENTRIFICAÇÃO E NOVOS USOS DOS ESPAÇOS**

Para melhor compreender o estudo de caso dessa monografia é preciso contextualizar a urbanização da capital mineira e da região de Venda Nova e suas funções, assim como o recorte temporal em que cada uma se deu. Historicamente, a urbanização de Belo Horizonte se deu em época e contexto diferenciado da região de Venda Nova, que hoje faz parte da capital mineira.

Para entender essas dinâmicas é necessário um olhar mais atento às especificidades dos contextos históricos e de funcionalidade de cada região que possibilitaram diferentes formas de uso e de apropriação do espaço.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as idéias recebidas, as imagens pré-construídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. Depois é preciso saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos a quem observa, e ligar os fragmentos espalhados num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário (...). (CALVINO, S/D, p.333)

### **4.1 Belo Horizonte**

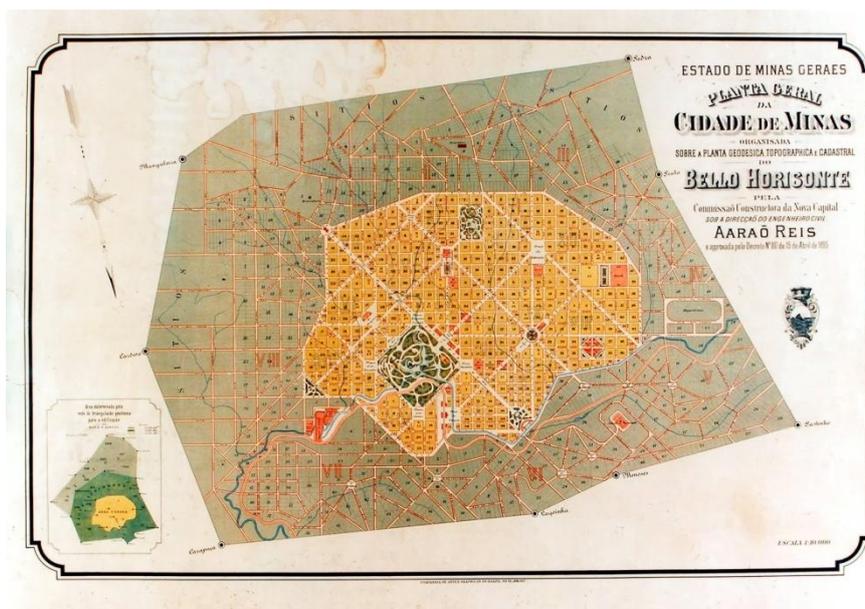
Planejada para existir dentro dos limites da Avenida do Contorno, a nova capital do Estado de Minas Gerais foi dividida em três setores: o urbano, o suburbano e o rural.

A área central urbana receberia toda a estrutura urbana de transportes, educação, saneamento e assistência médica, e abrigaria os edifícios públicos dos funcionários estaduais. Ali também deveriam se instalar os estabelecimentos comerciais. Seu limite era a Avenida do Contorno, que à época se chamava 17 de Dezembro. A região suburbana, formada por ruas irregulares, deveria ser ocupada mais tarde e não recebeu de imediato a infraestrutura urbana. A área rural seria composta por cinco colônias agrícolas com inúmeras chácaras e funcionaria como um cinturão verde, abastecendo a cidade com produtos hortigranjeiros. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Tal concepção do espaço segregou a população. Esperava-se que a região dentro da Avenida do Contorno abrigasse apenas as elites e funcionários do governo que viriam diretamente de Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais, para trabalharem na nova capital. Porém, a dimensão humana dos operários da cidade foi negligenciada e estes tiveram que construir suas moradias fora do perímetro central de Belo Horizonte, começando assim a construção das periferias da cidade.

A capital traçada pela Comissão Construtora era um lugar elitista. Seus espaços estavam reservados somente aos funcionários do Governo e aos que tinham posses para adquirir lotes. Acreditava-se que os problemas sociais, como a pobreza, seriam evitados com a retirada dos operários, assim que a construção da cidade estivesse concluída. Mas, na prática, não foi isso que aconteceu. Belo Horizonte foi inaugurada às pressas, estando ainda inacabada. Os operários, aglomerados em meio às obras, não foram retirados e, sem lugar para ficar, assim como os horizontinos, formaram favelas na periferia da cidade. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Figura 1. Planta geral da cidade de Minas 1895



Fonte: Wikimidia<sup>1</sup>

Apesar de planejada (fig.1), a cidade foi inaugurada antes de estar pronta, o que a deixou com ares de abandono, indicando que as pessoas que iriam habitar a nova capital mineira uma vez que não se identificavam com aquele espaço.

Belo Horizonte foi inaugurada a 12 de dezembro de 1897, por uma exigência da Constituição do Estado. Entretanto, parte de suas construções não havia sido concluída e algumas de suas ruas e avenidas eram apenas "picadas" abertas no meio do mato.

(...) Sua aparência inacabada e empoeirada dava a impressão de abandono. As ruas e avenidas - largas demais para uma população não muito numerosa - pareciam estar sempre vazias. Para piorar a situação, as diversões eram poucas e não conseguiam espantar a decepção e a tristeza dos primeiros habitantes. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017).

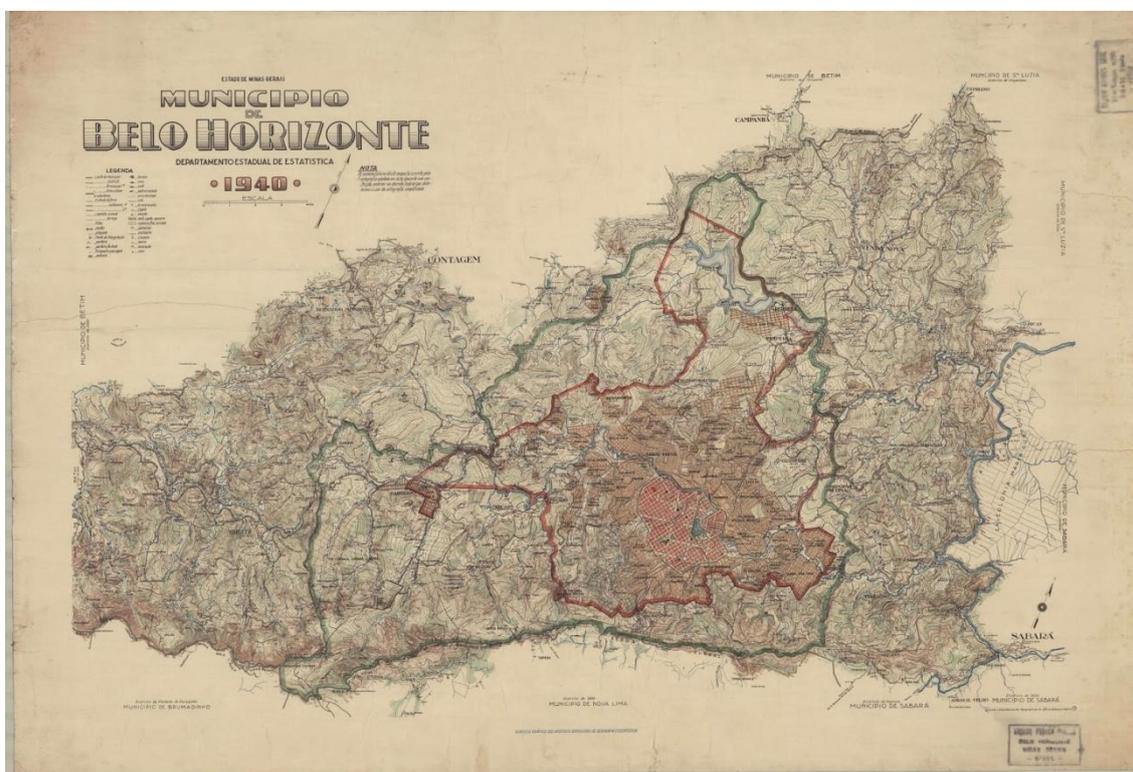
Belo Horizonte já se mostrava uma cidade que precisaria lidar com problemas estruturais e de identificação com o espaço ali concebido.

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b0/Planta\\_BH.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b0/Planta_BH.jpg)>

>. Acesso em 22/11/2017.

Tal como aconteceria em Brasília quase sessenta anos depois, o projeto da nova capital de Minas Gerais trazia a marca da construção de uma cidade de população segregada, dividida em setores bem planejados e cercada espacial e fisicamente pela avenida do contorno, uma espécie de membrana protetora do ambiente urbano feita para impor barreiras à participação e ao uso desse ambiente por largas camadas da população. (STARLING, 2013, p. 93)

Figura 2. Município de Belo Horizonte em 1940.



Fonte: A beira do urbanismo<sup>2</sup>

A figura anterior (fig. 2) mostra como a expansão do município se deu em grandes dimensões. Em 1940, Venda Nova ainda não estava anexada à Belo Horizonte, porém, o município já estava bastante adensado para além da Avenida do Contorno.

Na primeira metade da década o vertiginoso crescimento urbano dos últimos anos da década de 40 já gerava preocupações por parte da administração municipal, que com recursos reduzidos via se obrigada a diminuir as obras decorrentes desse crescimento, fato que gerou muita discussão ao longo da década. Definitivamente já havia consciência que a capital influenciava o crescimento dos municípios vizinhos, um centro de atração, um embrião da região metropolitana. (CURRAL DEL REY, 2017)

Devido a essa preocupação com o crescimento de Belo Horizonte para além dos limites da Avenida do Contorno, era necessário ter um plano de ação para que o crescimento não se desse de modo mais desordenado.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://abeiradourbanismo.blogspot.com.br/2013/11/pequeno-inventario-de-grandes-projetos.html>>. Acesso em 22/11/2017.

O primeiro plano diretor de Belo Horizonte foi criado em Setembro de 1951 com o objetivo de regular, orientar e organizar o crescimento da capital. Para sua elaboração foram convidados o urbanista Francisco Prestes Maia, o arquiteto Oscar Niemeyer e o paisagista Burle Marx. (CURRAL DEL REY, 2017)

Nesse contexto, a região Norte foi visada para projetos modernistas para que a elite mineira ocupasse aquela região. Projetos como o conjunto arquitetônico da Pampulha surgem nessa época.

Inevitavelmente, todo esse processo de socialização da zona urbana de Belo Horizonte, com adensamento e conseqüente defasagem habitacional, fez com que a Pampulha surgisse como tendência natural de expansão urbana e, dentre as potenciais vocações da região, a riqueza de suas bacias fluviais vislumbrou o poder público. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Viu-se na região da Pampulha possibilidades de interferências grandes na vida urbana de Belo Horizonte, opções de lazer e cultura para os habitantes. Porém, tal região não seria apropriada pelas faixas mais pobres da população, que iriam fixar suas residências mais ao norte, ainda sem muita infraestrutura para habitação.

A expansão urbana dotada de um perfil sociocultural diversificado, aliada à melhoria das vias de acesso e a implementação de espaços de lazer, como o Zoológico, o Mineirão e o Mineirinho projetaram a Pampulha para uma ambígua realidade: a ausência de um planejamento eficiente, ao lado do descontrole ambiental, que empurraram a região para um impasse configurado por diferenças sociais, culturais e urbanísticas. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Até os dias atuais, a Pampulha é uma região de contrastes com um potencial ambiental que vem sendo degradado pela conurbação e espaços para o lazer que populações de baixa renda ainda não possuem acesso.

Entre tombamentos, legislações, projetos ambientais de recuperação do lago e boas intenções, a Pampulha apresenta, nos dias de hoje, um complexo de lazer e turismo que não é adequadamente utilizado pelos diferentes grupos sociais da região e da cidade. O desenvolvimento social e cultural e sua efetiva integração na cidade só serão possíveis a partir de uma reafirmação do sentido dos seus valores simbólicos. Nesse contexto, tornou-se fundamental a recuperação do patrimônio urbano da Pampulha, restituindo assim a possibilidade de permitir o reencontro da Lagoa com os belo-horizontinos, que tanto admiram sua história e paisagem. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Todas essas características de expansão de Belo Horizonte fizeram com que o poder público voltasse os olhos para as periferias que estavam se adensando na região Norte e em Venda Nova, regiões que ainda não sofriam influências da nova capital, mas que,

com a construção da Pampulha, começaram a ter uma visibilidade maior no contexto da capital.

#### **4.2 Venda Nova**

Venda Nova, antes mesmo de ser anexada à capital mineira, já possuía vínculos com o antigo Curral Del Rey, fornecia os serviços que a comunidade precisava como, por exemplo, produtos gerais, alimentos, entre outros. A região também serviu de abrigo para os antigos moradores do Curral que foram desapropriados de suas residências para a construção da nova capital do Estado.

A implantação de tão grandioso projeto tinha, porém, uma exigência: a completa destruição do arraial que ali se localizava e a transferência de seus antigos habitantes para outro local. Rapidamente, os horizontinos tiveram suas casas desapropriadas e demolidas, sendo-lhes oferecidos novos imóveis a um preço muito alto. Sem condições de adquirir os valorizados terrenos da área central, eles foram empurrados para fora da cidade, indo se refugiar em Venda Nova ou em cafuas na periferia. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

A região de Venda Nova, uma ocupação mais antiga à Belo Horizonte, foi integrado a capital como subúrbio da cidade em 1919, virou distrito em 1923 e, somente em 1948, foi anexado a capital mineira.

O mais antigo documento conhecido sobre Venda Nova é a solicitação de uma licença para funcionamento de uma venda em 1781, cujo fato demonstra a vocação comercial do distrito que, no início do povoamento, tinha o comércio, a agricultura e a pecuária como suas principais atividades. Não se tem certeza, apesar das muitas pesquisas sobre a origem do nome - Venda Nova – mas consta da tradição oral que um comerciante construiu uma Venda maior e mais bem feita que as outras. Então, os viajantes diziam: "Vamos parar naquela venda nova". E o nome pegou. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Venda Nova teve um desenvolvimento mais lento do que a capital, sendo pouco interferida nas dinâmicas urbanas até os anos 1940 com a construção do complexo arquitetônico da Pampulha, construção essa que atraiu uma população de grande renda para a região. “Ao longo do tempo, a região desenvolveu-se de forma autônoma, criando uma outra cidade dentro da capital. Desde a década de 50 do século passado, quando a ocupação se intensificava, vários bairros apareceram” (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017). A população mais pobre, que ajudou na construção do conjunto arquitetônico, conseqüentemente foi se adensando nas periferias da Pampulha.

Novamente os operários foram negligenciados na questão habitacional e a região se limitaria a pessoas de alta renda. Logo, a faixa mais pobre viu em Venda Nova uma boa oportunidade para alocar suas residências, pois a falta de infraestrutura da região fazia com que os preços fossem acessíveis aos operários.

As pessoas de baixa renda os migrantes do interior do Estado foram ocupando as áreas próximas, localizadas no eixo norte da cidade. Na RHN, as pessoas eram atraídas pelo baixo preço dos terrenos, apesar dos novos loteamentos não possuírem autorização do Poder Público municipal e quaisquer infraestruturas (água, luz, saneamento, sistema viário e iluminação pública adequados), deixando muitos moradores em condições precárias de vida. Sendo que muitas vilas surgiram desses loteamentos irregulares. (DINIZ, 2015, p. 21)

Venda Nova sempre teve em sua configuração uma população mais carente de renda e de infraestrutura.

(...) Venda Nova se formou a partir de pessoas simples, que viviam da terra. A região não constava sequer da zona rural de Belo Horizonte. Por muitos anos, iluminação, transporte e enchentes foram problemas sérios e rotineiros. A partir de 1970, verificou-se uma melhoria no tocante aos investimentos públicos. Mesmo assim, em 1972, surgiu na região um forte movimento de emancipação, que entretanto, não obteve sucesso, mas motivou a criação, em 1973, da Administração Regional de Venda Nova, que atendendo aos anseios da população, veio descentralizar vários serviços prestados pela Prefeitura.(PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Em uma produção do arquivo público mineiro, chamada “Histórias de Bairro”, há uma linha do tempo sobre a urbanização de Belo Horizonte e de Venda Nova, focando nos bairros. Um dos intuitos é fazer com que o leitor “tente observar se o que está na linha da cidade se relaciona com o que é apresentado na da Regional Venda Nova” (APCBH, 2008, p. 67). Essa linha do tempo é um apanhado dos acontecimentos urbanísticos de Belo Horizonte desde sua criação até o ano de 2007, assim como Venda Nova. Esta tem uma história mais antiga que a própria capital mineira e, para compreensão das influências em Venda Nova, o histórico urbanístico da região compreendido de 1895, ano esse da criação de Belo Horizonte, até o ano de 2007.

Figura 3. Linha do Tempo Belo Horizonte x Venda Nova 1890 à 1919



Fonte: APCBH (2008).

Nessa linha do tempo (Fig. 3) é possível analisar como as modificações na capital influenciaram a dinâmica da região de Venda Nova, em 1912 a capital anexou as colônias agrícolas à zona suburbana. Com isso, a urbanização dessas áreas ficou vinculada à prefeitura.

Figura 4. Linha do Tempo Belo Horizonte x Venda Nova 1920 à 1949



Fonte: APCBH (2008).

O distrito de Venda Nova foi criado e subordinado à Belo Horizonte em 1923 e, em 1924, se dá a urbanização na capital fora da Avenida do Contorno. Em 1935, as primeiras instalações de água encanada e luz elétrica chegam a regional, porém, em 1938, Venda Nova é incorporada ao Município de Santa Luzia, permanecendo por 10 anos quando, em 1948, Belo Horizonte cria as chamadas “Cidades Satélites” do Barreiro, Cidade Industrial, Pampulha e Venda Nova e, por definitivo, Venda Nova volta a pertencer a Belo Horizonte (Fig 4).

Figura 5. Linha do Tempo Belo Horizonte x Venda Nova 1950 à 1979



Fonte: APCBH (2008).

No ano de 1965, é inaugurado o Hipódromo Serra Verde no local onde está a atual Cidade Administrativa de Minas Gerais. Belo Horizonte, em 1971, lança o CHISBEL (Coordenação da Habitação de Interesse Social de Belo Horizonte) e os loteamentos da regional Venda Nova se expandem. Em 1972, o bairro Santa Mônica é aprovado para loteamento e, em 1973, a administração regional de Venda Nova é criada como ferramenta para melhor gestão daquela regional. A partir de 1974, vários loteamentos são liberados, causando maior adensamento de residências nos bairros Piratininga, Letícia, Céu Azul, Leblon, Paraúna e Mantiqueira (Fig.5).

Figura 6. Linha do Tempo Belo Horizonte x Venda Nova 1980 à 2007



Fonte: APCBH (2008).

As obras para a expansão rodoviária atingem a Avenida Cristiano Machado em 1980 quando alguns outros loteamentos surgem. Em 1981, os bairros Europa, Lagoa e o Serra Verde são loteados. No ano de 1985, o bairro Jardim dos Comerciários também começa a ser loteado. Em 1994, cria-se o orçamento participativo na cidade e, no ano de 1995, a área mais antiga de Venda Nova é aprovada pela prefeitura como centro urbano. No ano de 1996, aprova-se o plano diretor da cidade e a lei de parcelamento, ocupação e uso do solo. Esse plano diretor definiu as diretrizes para a ocupação e desenvolvimento urbano em Belo Horizonte (Fig.6).

O serviço de metrô para a regional de Venda Nova só começou em 2002. Foi em 2005 que teve início em Belo Horizonte uma série de ações que promoveram transformações urbanas em diversas vilas da cidade. Em 2007, Venda Nova ganha diversas ações de saneamento em sua regional e as obras da CAMG (Cidade Administrativa de Minas Gerais) também começam a ser executadas nesse ano, sendo esta inaugurada em março de 2010, trazendo para a região muitos investimentos e maior visibilidade.

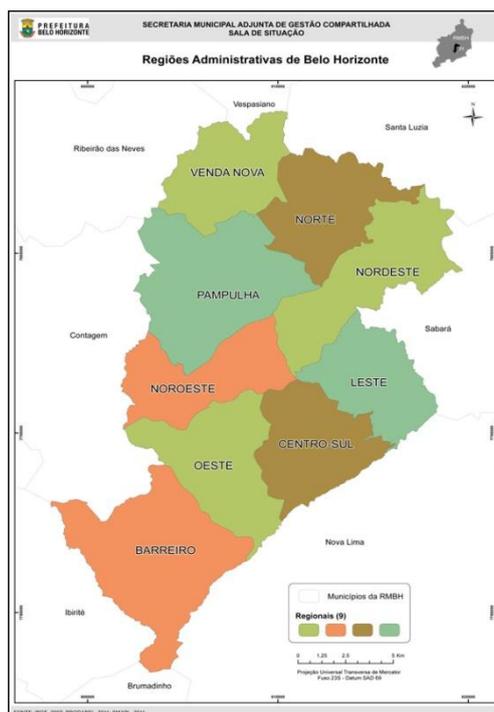
#### **4.3 Novos usos dos espaços e a gentrificação**

A partir dessas observações de formas de urbanização inicialmente diferenciadas, é possível perceber certas similaridades urbanísticas entre Belo Horizonte e Venda Nova, quanto à alocação da população nas periferias. A construção de Belo Horizonte levou seus construtores e operários de baixa renda a se alojarem nas periferias do traçado da Avenida do Contorno, pois não detinham concentração de capital para residirem dentro dos limites da Contorno, tal como a população envolvida na construção do conjunto arquitetônico da Pampulha, que se alojaram na região de Venda Nova.

A ocupação das terras da região ocorreu com o surgimento de grandes e pequenas fazendas, sítios e chácaras. No final da década de 50 e princípio da década de 60, muitos dos proprietários dessas terras começaram a vendê-las a imobiliárias, com medo da propalada reforma urbana anunciada por políticos da época. Essas imobiliárias ou os próprios donos das terras fizeram loteamento sem nenhuma infra-estrutura, atraindo muitos compradores, pois os lotes eram mais baratos do que em outros bairros. Com o grande êxodo rural das últimas décadas, muitos desses migrantes encontraram abrigo em Venda Nova, contribuindo com a explosão demográfica da região, que passou de um lugar calmo, tranquilo, quase uma cidadezinha do interior, para uma cidade-dormitório, com os benefícios e problemas característicos dos grandes centros urbanos. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Com o avançar da urbanização impulsionada pelos ideais modernistas, Belo Horizonte se expandiu e ganhou limites extra Avenida do Contorno, anexando outras regiões a sua administração. Algumas características de cidade pequena foram sendo perdidas dando lugar a correria do desenvolvimento e a necessidade do progresso econômico. Atualmente, a capital conta com nove regiões, sendo elas, segundo a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH): Barreiro, Centro Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova (Fig.7).

Figura 7. Regiões administrativas de Belo Horizonte



Fonte: PBH<sup>3</sup>

“No século XX, o espaço da cidade continuou a funcionar como importante lugar de encontro social, até o triunfo dos ideais de planejamento do modernismo, o que coincidiu com a invasão dos automóveis” (GEHL, 2013, p. 25). Belo Horizonte foi abrindo caminho durante sua urbanização para se tornar uma grande metrópole brasileira, construindo grandes vias para o fluxo de carros e grandes empreendimentos, como a grande verticalização do centro e de bairros vizinhos.

“O aumento do tráfego de automóveis tirou de cena a vida da cidade ou tornou completamente impossível os deslocamentos a pé” (GEHL, 2013, p. 26). A cidade então começa a vivenciar um momento de grandes obras, abertura de novas vias para a circulação de carros e ônibus. Como resultado, grandes bairros e comunidades são desapropriadas para que essas grandes avenidas unam as partes da cidade e aumente a conexão do município e da crescente região metropolitana.

<sup>3</sup> Disponível em:

<[http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/images/2.2\\_mapa\\_regionais\\_bh\\_a3.jpg](http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/images/2.2_mapa_regionais_bh_a3.jpg)>. Acesso em 22/11/2017.

“As intervenções públicas que provocam valorização da cidade desencadeiam mecanismos contraditórios de expulsão e de reapropriação.” (MENDES, 2011, p. 481).

Segundo Bataller (2012)

o fenômeno fundamentalmente urbano conhecido como gentrificação consiste em uma série de melhorias físicas ou materiais e mudanças imateriais - econômicas, sociais e culturais - que ocorrem em alguns centros urbanos antigos, os quais experimentam uma apreciável elevação de seu status. (BATALLER e BOTELHO 2012, p. 2)

A gentrificação então é uma forma de re-significar o espaço. Modificando fisicamente o local, acaba-se mudando como as pessoas veem aquele espaço e se identificam com ele. Além de que, essas mudanças geralmente ocorrem em locais com valor imobiliário baixo. Com esse fenômeno, os preços das moradias acabam aumentando, o que inviabiliza que as pessoas de rendas mais baixas continuem mantendo suas vidas naqueles locais.

Bataller e Botelho, em seu estudo, reafirmam que na gentrificação a chegada de moradores de classes mais altas acaba por expulsar seus moradores antigos, estes de uma classe de renda inferior. “Caracteriza normalmente pela ocupação dos centros das cidades por uma parte da classe média, de elevada remuneração, que desloca os habitantes da classe baixa, de menor remuneração, que viviam no centro urbano” (BATALLER e BOTELHO 2012, p.2).

Para o COURB (Instituto de Urbanismo Colaborativo), a gentrificação se distancia da revitalização urbana, uma vez que aquele fenômeno é encabeçado pelo potencial imobiliário e pela lógica de mercado, enquanto a revitalização urbana vem de uma demanda do local e de seus moradores.

Um processo de gentrificação possui bastante semelhança com um projeto de revitalização urbana, com a diferença que a revitalização pode ocorrer em qualquer lugar da cidade e normalmente está ligada a uma demanda social bastante específica, como reformar uma pracinha de bairro abandonada, promovendo nova iluminação, jardinagem, bancos... E quem se beneficia da obra são os moradores do entorno e, por tabela, a cidade toda.

A gentrificação, por sua vez, se apoia nesse mesmo discurso de “obras que beneficiam a todos”, mas não motivada pelo interesse público, e sim pelo interesse privado, relacionado com especulação imobiliária. Logo, tende a ocorrer em bairros centrais, históricos, ou com potencial turístico. (COURB, 2017)

A gentrificação se torna, assim, um instrumento do capital privado com ajuda do Estado para que grandes empreendimentos aconteçam em partes da cidade que ainda não tenham passado por uma grande especulação imobiliária.

#### 4.4 A gentrificação na região de Venda Nova

O processo de expansão da capital mineira para a região Norte teve como uma das consequências a mudança do poder Administrativo do Estado para essa região. Várias obras de infra-estrutura para o recebimento da CAMG geraram grandes impactos na região de Venda Nova, como a linha verde.

(...)Uma via de trânsito rápido, com 35,4 km de extensão, irá ligar o centro de BH ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, na cidade Confins(...). A Linha Verde foi lançada para requalificar a área próxima à estação rodoviária e ao Parque Municipal, além de desafogar o trânsito, garantindo segurança, para motoristas e pedestres que trafegam na avenida Cristiano Machado, principal acesso à região norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte e às regionais Nordeste, Venda Nova e Norte. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017)

Com a construção da linha verde, no vetor Norte da capital, bairros que antes não tinham em sua tradição grandes fluxos de carros começaram a receber os veículos que buscam escapar do tráfego nos horários de maior circulação da via.

Essa proposta de levar o progresso econômico pelas vias de grande circulação de automóveis acaba interferindo no modo como as pessoas vivenciam o espaço urbano.

Como resultado, deterioram-se as condições para pedestres e ciclistas. Gradualmente, calçadas estreitas foram ficando pontilhadas de placas de sinalizações, parquímetros, postes, luminárias de ruas e outros obstáculos colocados a 'a não ficar no caminho'. Entenda-se, 'no caminho do tráfego motorizado'. (GEHL, 2013, p 91)

Alguns bairros e regiões de Belo Horizonte ainda tentam manter as características que prezam o contato social diário. Como é o caso de bairros até então residenciais, como o Serra Verde situado na região de Venda Nova. Segundo alguns moradores, o Serra Verde está vivenciando algumas mudanças com a chegada da CAMG no seu entorno, como obras de infraestrutura, modificando as relações sociais no bairro pelo alargamento de ruas da região para maior tráfego de carros e o aumento dos preços em supermercados, por exemplo.

Para Bateller e Botelho (2012), essas mudanças causam abandono da população ali residente anteriormente, pela gama de serviços que enobrecem o bairro e estes não conseguem continuar ali. Aumento do aluguel, aumento dos produtos de consumo, entre outros serviços, são exemplos dessa mudança.

O deslocamento vem acompanhado de investimentos e melhorias tanto nas moradias (que são renovadas ou reabilitadas) quanto em toda área afetada, tais como comércio, equipamentos e serviços. Isso implica, portanto, mudanças no mercado de solo e habitacional, de modo que desempenham um papel decisivo os agentes do solo: os proprietários, os promotores, os governos - locais, estaduais - e as instituições financeiras, assim como também os moradores - em regime de propriedade ou de aluguel. Em conjunto, o fenômeno proporciona uma maior estima das áreas renovadas. (BATELLER e BOTELHO 2012, p.2 )

Esse processo também modifica a maneira de circulação nos bairros. Maiores fluxos de trânsito, dificuldade de realizar uma simples travessia de um lado para o outro das ruas do bairro. Moradores do bairro Serra Verde lembram com saudosismo como ocupavam e atravessavam mais calmamente esses espaços.

Jaime Lerner em seu livro “acupuntura urbana” introduz o conceito de colesterol urbano que, segundo ele, “é o acúmulo, em nossas veias e artérias, do uso excessivo do automóvel. Preparam então a cidade só para o automóvel. Viadutos, vias expressas...” (LERNER, 2015, p. 85). Com essa nova forma de urbanização e apropriação, as pessoas têm menos espaço para o encontro, para socializarem, para uma vida mais devagar e com o uso e ocupação dos lugares em comum.

“Todos esses exemplos de organização da cidade têm um objetivo: proporcionar mais espaço e melhores condições para os carros. Como consequência, caminhar ficou mais difícil e menos atrativo” (GEHL, 2013, p 91). Em seu estudo, Diniz (2015) pontua que desde o começo das obras da linha verde, o valor da terra na região de Venda Nova começou a modificar consideravelmente.

De todo modo, desde janeiro de 2005 – ano em que os grandes empreendimentos do Vetor Norte foram anunciados –, os valores dos aluguéis vêm aumentando paulatinamente, sendo que, após janeiro de 2011, verifica-se uma maior incidência de ofertas de imóveis com patamares de aluguéis superiores a R\$1.200,00, importância superior ao preço médio dos aluguéis de apartamentos em bairros tipificados como de nível médio e equivalente ao valor daqueles considerados de nível alto, conforme estratificação de bairros da Fundação IPEAD. (DINIZ, 2015, p. 241)

Essa grande via impactou consideravelmente a vida e o cotidiano dos moradores do bairro Serra Verde, que atualmente recebe os carros que buscam uma maneira de burlar os grandes congestionamentos nos horários de pico. Semáforos foram instalados pelas ruas do bairro onde antigamente podia-se atravessar calmamente. Relações entre motoristas locais e pedestres do bairro foram ficando escassas, causando assim uma necessidade de infra-estrutura para receber motoristas que não trafegam habitualmente

pelo bairro. Resignifica-se o espaço e a forma como é usado e apropriado pelos moradores do Serra Verde.

#### **4.5 O que é o Espaço e como apropriar?**

Para entendermos como o espaço pode ser apropriado e vivenciado pelos moradores da cidade precisamos entender como o espaço se concebe no contexto urbano. No dicionário Aurélio, espaço está definido como “Sm. 1.Intervalo entre limites. 2. Vão; claro; lugar vazio.Para Milton Santos, a concepção do espaço varia temporalmente e de acordo com as tecnologias disponíveis naquele momento vivenciado.

Sendo o espaço geográfico um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes em cada momento histórico. (SANTOS, 1996, p 226)

O espaço necessita de interação com o ser humano para se conceber e ter identificação por meio da sociedade que ali viverá para que assim pensem em conjunto em melhores maneiras de se apropriar e melhorar a qualidade de vida da população localmente. “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (SANTOS, 1996, p. 222).

Segundo Milton Santos, mesmo diante das intempéries urbanas, que descaracterizam os espaços para as pessoas, o ser humano precisa usar sua criatividade para que o lugar volte a ser utilizado de forma ótima frente à precarização dos usos dos espaços urbanos pelas pessoas.

Não importa que, diante da aceleração contemporânea, e graças ao tropel de acontecimentos, o exercício de repensar tenha de ser heroico. Essa proibição do repouso, essa urgência, esse estado de alerta exigem da consciência um ânimo, uma disposição, uma força renovadora. (SANTOS, 1996, p. 224)

O espaço, então, quando vivenciado, modificado e construtor da história de uma sociedade deixa de ser um espaço vazio e se torna um lugar ocupado. Segundo Relph (1979, *apud* LEITE, 1998), para os seguidores da corrente humanística, o lugar é principalmente um produto da experiência humana:

(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança. (RELPH, 1979, *apud* LEITE, 1998 p. 10)

No dicionário Aurélio, lugar é definido como justamente “Sm 1. Espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo.”O espaço se caracteriza enquanto movimento e local de passagem e precisa de uma pausa para que este se torne um lugar que culmine em histórias, aprendizados, cultura e modos de reproduzir os costumes(TUAN, 1983, *apud* HOLZER, 1999, p 73.). Segundo Holzer (1999), o lugar possui duas características que foram destacadas por diversos autores:a identidade e a estabilidade. “A identidade refere-se ao espírito, ao sentido, ao gênio do lugar” (HOLZER, 1999, p. 72).

Para Buttimer, “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas” (BUTTIMER, 1985*apud* LEITE, 1998, p.10).Os lugares do espaço urbano estão em escalas menores, como bairros e ruas onde as pessoas crescem e criam raízes.“A cultura, forma de comunicação do individuo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio” (SANTOS, 1996, p. 221).

As transformações que os lugares vêm vivenciando estão tornando cada vez mais lugares em espaços de transição e não de convívio, como é explicado por Milton Santos. Nesse trecho é possível notar como que os ambientes são concebidos para a circulação e o não convívio. “Os objetos que consistem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados” (SANTOS, 1996, p. 226).

Justifica-se a construção de grandes vias para maior fluidez dos automóveis e, conseqüentemente, fazendo com que a escala bairro e rua fiquem descaracterizadas, diminuindo a apropriação das pessoas nos lugares de relações mais próximas. Porém, alguns movimentos locais reivindicam esses espaços como seus lugares. São movimentos sociais, associações de moradores dos bairros e movimentos que buscam trazer as pessoas de volta às ruas.

Uma certa qualidade errante vivida pelo habitante das metrópoles será então a chave necessária para que ele deixe a simples condição de usuário (do lugar ou do site) e passe à condição de quem efetivamente experimenta e intervém nos espaços das cidades (conectando-se à uma dimensão utópica presente

nesses ambientes – percebidos como lugares de situação instável). (MANO, 2008, p105)

Aqueles movimentos urbanos são mecanismos importantes para que os espaços urbanos sejam cada vez mais (re)apropriados por seus moradores. São movimentos que focam no cotidiano coletivo e na troca de experiências comuns.

A força desse movimento vem do fato de que, enquanto a memória é coletiva, o esquecimento e a conseqüente (re)descoberta são individuais, diferenciados, enriquecendo as relações interpessoais, a ação comunicativa. Assim, o que pareceria uma inferioridade, na realidade é uma vantagem. (SANTOS, 1996, p. 224)

Para Milton Santos a coletividade assim se torna essencial no contexto urbano para a construção de lugares.

Os espaços possuem especificidades e precisam de diferentes mecanismos para que essa apropriação se dê e novos lugares surjam e ressurgam no contexto urbano. Áreas verdes, parques urbanos, hortas comunitárias, academias ao ar livre, praças e lugares de encontros se tornam assim essenciais para que os bairros e as ruas não se tornem meramente espaços de transição pela cidade.

Jan Gehl (2013) em seu livro “Cidade para pessoas” frisa a importância de um espaço urbano onde as pessoas vivenciem e utilizem de forma plena.

Atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre as pessoas no espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece. (GEHL, 2013, p.22)

Devido a necessidade de reação frente a atual forma como as cidades estão sendo concebidas, como meros locais de passagens e trânsito para veículos, é necessário um planejamento para cada região em que a sociedade participe para que se (re)aproprie os espaços que estão se esvaziando de pessoas.

Milton Santos atenta para que se olhe com cuidado para as regiões locais, para que os mecanismos de progresso e desenvolvimento das cidades não danifiquem o modo como as pessoas representam seus lugares.

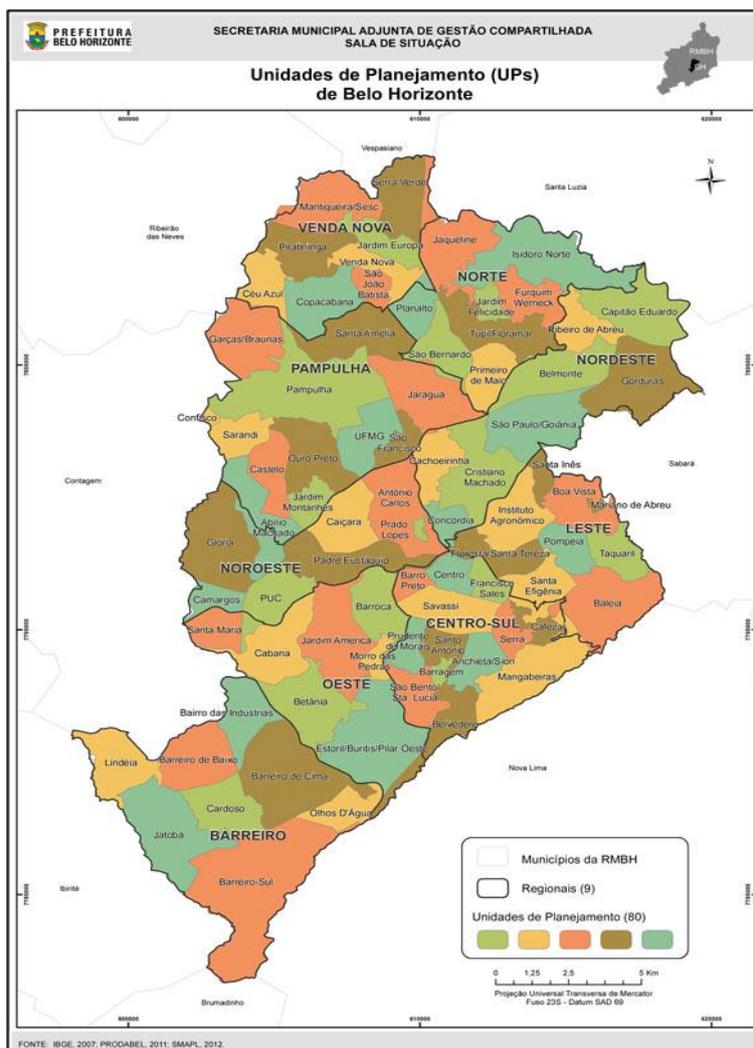
Como o espaço não é homogêneo, evoluindo de modo desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência das ações modernas não é a mesma em toda parte. Alguns subespaços, dotados com as modernizações atuais, podem acolher as ações de interesse dos atores hegemônicos. (SANTOS, 1996, p.226)

## 5 ESTUDO DE CASO: HORTA URBANA DO CENTRO COMUNITÁRIO SERRA VERDE EM VENDA NOVA.

### 5.1 Caracterização do bairro

O bairro Serra Verde, tem 14.005 habitantes, segundo o censo demográfico de 2010. Está localizado na extremidade norte do município de Belo Horizonte (Fig.8), na porção nordeste da regional Venda Nova (Fig.9).

Figura 8. Regionais e os bairros de Belo Horizonte



Fonte: PBH<sup>4</sup>.

4

Disponível em [http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/images/5\\_mapa\\_territorios\\_gc\\_bh\\_a3.jpg](http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/images/5_mapa_territorios_gc_bh_a3.jpg). Acesso em 22/11/2017.

Nos bairros são os espaços onde as pessoas se identificam com a cidade e tem seu primeiro contato com o contexto urbano, suas reivindicações sobre como querem um espaço de melhor qualidade, se dá nessas localidades.

As pessoas que moram em uma cidade convivem de diferentes formas. Durante todo o tempo, elas lutam pelo que pensam ser o melhor. A cidade está sempre em movimento, sendo alterada. Por meio da pintura de um muro, da mobilização para que uma casa antiga ou uma árvore não seja derrubada... ela é sempre palco de disputas e negociações. Diferentes ações criam as mudanças do espaço que habitamos. Os governos, muitas vezes, tentam planejar o desenvolvimento das cidades, para que as coisas sigam um determinado caminho. Mas, às vezes, as pessoas ou os governantes preferem manter algumas coisas como eram no passado – nem só de transformações vive a cidade; ali as coisas também permanecem (APCBH, 2008, p.8)

Figura 9. Bairros de Venda Nova



Fonte: Educar pela Cidade<sup>5</sup>

Segundo cartilha produzida pelo Arquivo Público Mineiro, o bairro Serra Verde

(...) se formou a partir de um projeto da Prefeitura realizado na década de 1970 que previa obras de infra-estrutura e a construção de casas populares no bairro Rio Branco. Mas o bairro Serra Verde só foi aprovado em 1981. A

<sup>5</sup>Disponível em <<http://educarpelacidaderegionalvendanova.blogspot.com.br/p/memoria-de-sua-gente-dilma-celia.html>>. Acesso em 22/11/2017.

área do Parque Serra Verde foi doada à PBH em 1992. A Fazenda Serra Verde só deu origem a alguns lotes do bairro em 1996. (APCBH, 2008, p. 31)

Para melhor visualizar o contexto da associação de moradores do bairro Serra Verde, foi utilizado o recurso do Google Street View para chegar à escala da associação e do entorno. Na figura 10 tem a vista ampla do bairro onde a associação está inserida, e na figura 11 uma visualização mais local de seu entorno.

Figura 10. Vista de satélite do bairro Serra Verde



Fonte: Google Maps (2017)

Figura 11. Vista via satélite da associação de moradores, da horta e do seu entorno



Fonte: Google Maps (2017)

## 5.2 Histórico da Associação de Moradores e a Horta Comunitária.

Ao dia 05 de janeiro de 1984, a Associação de Apoio Comunitário do Conjunto Habitacional Serra Verde foi fundada, buscando promover o desenvolvimento da comunidade pertencente, a Associação foi constituída como:

[...] entidade civil de caráter beneficente, cultural, de assistência social e de promoção humana e tem por objetivo coordenar as obras e movimentos sociais dos moradores do Conjunto Habitacional, articulando, desenvolvendo, promovendo Ação dos moradores no âmbito dos problemas sociais, econômico-sociais e educacionais, bem como nos trabalhos de assistência social e de formação do espírito voluntário. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE APOIO COMUNITÁRIO DO CONJUNTO HABITACIONAL SERRA VERDE).

O local contava com uma casa de um cômodo que não comportava todos os anseios da administração. Quando da chegada da Cidade Administrativa para as proximidades do bairro, a atual presidente, conseguiu se encontrar com o então governador Aécio Neves e solicitar um espaço mais adequado para abrigar a Associação de moradores, local este que ela se orgulha de ter conseguido.

Figura 12: vista da associação de moradores antes da reforma -julho de 2009



Fonte: Google Street View(2017)

Com um espaço maior, a Associação conta hoje com dezenas de atividades, voluntárias ou de baixo custo para a população do bairro, sendo algumas delas: brechó, manicure, academia, distribuição de sopão, entre outros.

A atual presidente, relata como foi a trajetória para chegar nessa configuração de hortas comunitárias dentro da associação de moradores que o bairro possui. Segundo ela, o ex-presidente da associação de moradores teve a ideia de criar uma horta comunitária, o que na época foi facilitado por questões financeiras como, por exemplo, o fornecimento de água. A água era ofertada gratuitamente pelo Estado, especificamente pela secretaria de saúde. Seria um alto custo sobre o qual o antigo presidente não precisaria se preocupar.

O ex-presidente logo fez os canteiros e começou a divisão e logo muita gente do bairro se interessou, pois não haveriam gastos por parte deles. Para a atual presidente, a horta começou bem, ficou bonita e muita gente utilizava sem restrições. Com isso, os agricultores começaram a abusar da água que era gratuita até então.

O Estado notou que o gasto para a manutenção da horta estava ficando caro, pois a população deixava a torneira ligada noite e dia, sem uma preocupação com o preço e com o meio ambiente. A Presidente conta que, ao contrário dos dias atuais, naquela época, todos os glebistas tinham sua própria chave para entrar na associação e usufruir

da horta, não havia horário de funcionamento e, até a noite, era comum ver pessoas utilizando o espaço.

A presidente relata que o antigo presidente não atentava para as documentações, correspondências e notificações. Assim que ela se tornou presidente da associação, passou a ter um controle maior acerca da documentação do local. Ainda segundo ela, assim que o poder público tomou ciência da maior organização que ela detinha, o Estado notificou a associação que iria cortar a água gratuita, com a justificativa de que o uso estava sendo abusivo por parte dos agricultores. Os próprios moradores do entorno denunciavam o desperdício da água e, para a presidente, o corte desse fornecimento foi válido.

Com o corte da água fornecida pelo Estado, o fornecimento agora seria associado ao da sede da associação. Essa nova configuração gerou muita confusão, pois os agricultores não queriam pagar com a justificativa que a água também era gasta com a associação e não somente com a horta.

Quando a presidente fez o pedido para novas acomodações da sede da associação, a horta acabou por um período por causa da construção. No momento de transição da antiga sede para a reforma da nova sede, a horta comunitária não existia e os moradores culpavam a atual presidente. Os agricultores alegaram que ela gostaria de acabar com a horta, pois foi em sua gestão que o fornecimento da água foi cortado. Para a presidente, a falta de participação dos moradores nas reuniões da associação ajudou na configuração desse conflito, porque ninguém participava das reuniões e não sabiam os motivos da obra de reforma da sede.

Foto 13. Vista da nova sede já reconstruída e se reestruturando.



Fonte: Google Street View(2017)

Após 9 meses de obra para construção da nova sede, no espaço destinado a horta não havia nada, o solo estava batido e muito inviabilizado para se plantar naquele momento. Pode-se observar na foto acima (foto 2), o espaço destinado às hortas, ao lado direito, ainda se reconfigurando. Para a configuração das novas hortas foi destinada verba apenas aos canteiros da frente, com dimensões específicas. Porém, o capital fornecido pelo governo acabou e só foi entregue esses primeiros canteiros na parte da frente da sede.

Com a ajuda de um rapaz da prefeitura, a presidente relata que começou a fazer os novos canteiros e a questão da água ainda era um impasse muito grande para implementar a nova horta. Ela teve a ideia de ter um registro de água separado da sede para os canteiros da horta.

Para a distribuição dos canteiros da nova horta, foi feito um sorteio e, segundo a presidente, todo mundo queria os primeiros, feitos pela prefeitura, mas o sorteio para a presidente era a maneira mais justa de se dividir.

Figura 14: Vista de 2014 da associação de moradores já reformada e com os espaços destinados para os canteiros de horta.



Fonte: Google Street View (2017)

Atualmente, a água é dividida igualmente pelo número de canteiros que o agricultor possui. Se a pessoa possui dois canteiros, pagará proporcionalmente pelos espaços que tem. A presidente diz que precisou designar duas pessoas para coordenação da horta, pois ela não daria conta de gerir todo o espaço. Para a presidente, os moradores não acreditavam que ela conseguisse revitalizar a horta. Houve uma resistência inicial, porém, aos poucos, eles foram chegando e vendo que a horta continuava existindo e voltaram a fazer uso dela.

Segundo a presidente, muitos moradores do entorno não gostam da horta comunitária, ela relata que eles queriam que o trator passasse e fizessem quadras poliesportivas no bairro. Para ela, esses moradores querem que as crianças e os jovens aproveitem os espaços, mas esquecem que a horta é para eles também, não só para os idosos do bairro.

Figura 15. Foto dos canteiros já estruturados e cultivados



Fonte: Arquivo pessoal

A presidente frisa que os moradores também se esquecem do meio ambiente, que a horta ajuda a minimizar a poluição do bairro, que ver uma área verde de plantio ajuda na melhoria do espírito das pessoas que passam ali todo dia. Ela ainda lembra um exemplo que mostra como, claramente, a visão dos moradores do entorno é diferente da que ela tem para o bairro. Ela relata: “Na construção da praça do bairro, um vendedor da região chegou perto de mim e perguntou se eu não acharia melhor, ao invés de gastar dinheiro para construção de praça para a comunidade, se não poderiam construir muitos prédios naquela área”. A presidente fala com espanto e respira aliviada pela ideia do vendedor nunca ter sido ouvido e hoje terem uma praça arborizada e cheia de objetos para lazer no bairro como é possível visualizar nas figuras 16,17e 18.

Chateada com a ideia do vendedor, a presidente relata que nunca mais entrou no comércio dele. Segundo ela, a justificativa para essa ideia é que o vendedor veio de outro bairro e montou seu comércio e queria mais pessoas para poder aquecer seu mercado. “Hoje a praça está lá e a associação utiliza para fazer feira de artesanatos”. A presidente, diz que a aproximação com a praça vai além da contemplação, os moradores que frequentam a associação, plantam na praça, desde frutíferas a flores e grama.

Figura 16: Vista da academia do bairro na praça do Serra Verde



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 17: Vista do coreto da praça no bairro Serra Verde



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 18: Foto da praça do bairro serra verde vista da rua de cima.



Fonte: Arquivo pessoal

Quando questionada em relação aos jovens atuarem na horta comunitária, a presidente diz que eles não a frequentam. Para ela, esses adolescentes veem a horta como um trabalho, eles preferem ir jogar bola ou namorar na praça. Ressalta que eles frequentam muito a associação, logo, por mais que eles não usem a horta, os jovens pelo menos sabem da existência e da sua importância para o bairro e para o meio ambiente.

A associação e a horta comunitária atualmente não recebem qualquer tipo de incentivo financeiro do Estado. A prefeitura abriga uma academia dentro da Associação dos Moradores e, mesmo assim, a presidente diz que a prefeitura não investe para a manutenção do local.

Segundo a presidente, a única forma de renda do local advém do aluguel do salão para festas, salas alugadas para aulas de música, uma manicure que trabalha na sede e contribui quando possível, o Alcoólicos Anônimos que também funciona dentro da associação e contribui de alguma forma para o espaço. O dinheiro dos aluguéis é destinado para a alimentação e não para reformas ou melhoramentos do prédio. A manutenção do prédio acontece quando sobra dinheiro que seria para os alimentos.

Para finalizar, a presidente nos diz que vê o bairro como a sua casa e os moradores como sua família, pois está lá desde o começo e é uma das primeiras moradoras, quando o local ainda não possuía nenhuma infra-estrutura, como luz, água, telefone e asfalto. Quanto aos planos para o futuro da horta comunitária e da associação, ela almeja

escrever um livro contando sua história de luta para fazer a sede e a horta comunitária, mas só quando ela não aguentar mais gerir a associação e seus canteiros.

Figura 19: Cartaz da horta comunitária Serra Verde, afixado na porta da associação de moradores



Fonte: Arquivo pessoal

### 5.3 Hortas urbanas: um mecanismo para apropriação do espaço urbano

Para podermos entender melhor as hortas comunitárias como um mecanismo de apropriação da cidade precisamos nos atentar que as práticas de agricultura urbana não visam uma cultura que negue o urbano e busque o ambiente rural, mas sim uma forma de melhorar o convívio e a qualidade de vida nos lugares urbanos (ALMEIDA, A. COSTA, H).

Ao praticar a agricultura urbana, os agricultores levam em conta questões e princípios da agroecologia, visando alimentos não só mais saudáveis mas também que abarcam todo o contexto social dessa prática.

Daniela Adil, em seu texto “Agricultura urbana: isto e aquilo”, faz um diálogo com a obra de Henri Lefebvre e nos diz que:

A perspectiva teórica lefebvriana da ‘sociedade urbana’ não como uma realidade acabada, mas como um horizonte, uma possibilidade de emancipação social, abre o pensamento para se olhar a agricultura urbana não apenas como uma realidade, mas também como uma virtualidade contida no presente. As elaborações do autor sobre o espaço, o cotidiano, a cidade e o urbano sugerem enseja (ou não) a produção de novos espaços e relações sociais que se contrapõem ou resistem aos espaços e relações dominantes no mundo contemporâneo. (ALMEIDA, 2016, p 423)

Plantar as ideias de Lefebvre nas leituras sobre agricultura urbana no mundo contemporâneo contribue para um trabalho de tradução e torna possíveis deslocamentos que superam as dicotomias hegemônicas, como rural/urbano. cultura/natureza, local/global (...) (ALMEIDA, 2016, p. 424-425)

Adil vê a agricultura urbana como uma ponte para que essas dicotomias hegemônicas, como o rural e o urbano, se tornem mais fluidas e, assim, essa prática seja inserida no contexto do planejamento das cidades.

(...)Situat a agricultura urbana como uma zona de fronteira capaz de promover conexões e tornar permeáveis a outros saberes e práticas, campos que usualmente não dialogam entre si, como a agroecologia e o planejamento urbana, por exemplo. (ALMEIDA, 2016, p, 425)

As hortas urbanas não visam apenas melhorar a qualidade de alimentação na cidade, elas se propõem a ser um mecanismo pelo qual as pessoas possam melhorar seu convívio com as outras e com a cidade e ainda ter momentos de lazer, como pontua Borges (2013), sobre as funções e importância das hortas comunitárias no ambiente urbano.

A prática da Agricultura Urbana pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida urbana e metropolitana ao interagir com vários desafios enfrentados pela sua população. Nesse sentido, pode-se dizer que a AU, dentro dos modelos de gestão de cidades, se relaciona a quatro dimensões distintas, a saber: saúde, meio ambiente, lazer e geração de renda. (BORGES, 2013,p.46)

No contexto de agricultura urbana (AU), esse trabalho irá focar nas hortas comunitárias, que se apropriam da agricultura urbana para, por meio dela, causar maiores contatos pessoais, socialização, identidade cultural com o bairro ou região, identificação com o espaço em que vivem e soberania alimentar dentro do contexto urbano.

De um modo geral, pode-se dizer que a Agricultura Urbana se relaciona com grupos que se encontram socialmente excluídos (...) a prática da AU pode ser considerada como uma ferramenta inclusiva de amplo sentido, uma vez que sua finalidade não é exclusiva para o atendimento das populações menos favorecidas (no que tange a alimentação, ocupação e renda), mas pode-se estender ao incluir àqueles que estão ociosos ou que demandam de um novo modelo de convivência social, como os dependentes químicos, depressivos, discriminados, dentre outras situações. Entende-se que a situação de exclusão é um estado que pode ser temporário ou permanente, mas que dependerá de processos inclusivos que alterem o contexto em que se encontra o elemento excluído. (BORGES, 2013,p.47)

Com isso, se justificam a problemática da urbanização exacerbada e o uso da agricultura urbana por meio das hortas comunitárias como temas de importância socioambiental, para tentar re-apropriar os espaços que foram perdidos para dar formas ao desenvolvimento e progresso econômico da cidade, por meio de prédios e carros.

Neste sentido, identificar, reconhecer, incentivar e aprender com práticas agrícolas na cidade corresponde a uma das formas de pensar a cidade a partir da cultura e de saberes em relação à terra que requerem maior visibilidade. (ALMEIDA, A. COSTA, H. 2012, p. 61)

Ainda nessa perspectiva de apropriação dos espaços para as pessoas, as autoras Almeida e Costa (2012) ainda frisam que as hortas ajudam a repensar esses espaços, valorizando outros meios de produção de espaços que não sejam por meio de concreto e grandes vias nas cidades. “Trata-se de resgatar o valor de uso dos espaços, num contexto de produção do espaço regido pelo valor de troca e pela generalização das relações mercantis” (ALMEIDA, A. COSTA, H. 2012, p, 61).

Percebe-se que as hortas urbanas ajudam a conceber um espaço regido pelo seu valor de uso, enquanto sociedade, e não de troca pela lógica do mercado.

Alguns agricultores urbanos geram impactos consideráveis em seu entorno, mobilizando pessoas, transformando a paisagem, resgatando saberes e relações com a terra, comercializando alimentos de qualidade, fazendo valer a função social de terrenos vazios, questionando a oposição entre a cidade e campo. (REGALDO, 2013,p.156)

Percebe-se ainda que a nova forma de urbanização vivida pelo bairro Serra Verde, potencializada pela chegada da CAMG, diminui o convívio social e que as hortas comunitárias podem ser vistas como mecanismos socioculturais e ambientais para re-apropriação desses espaços pelas pessoas, aumentando a identidade local com o bairro e com a cidade de Belo Horizonte.

Mesmo que grande parte da população do bairro não frequente diariamente o local, ou compre os produtos da horta urbana da associação, o fato de ali existir um espaço verde,

onde as pessoas se encontram e trocam saberes já melhora a qualidade de vida no espaço.

Apesar do adensamento e de um modelo urbano-paisagístico de aridez, pequenos cultivos resistem em lajes, cantos, pneus, bacias, garrafas de plástico, tanquinhos, vasos, latas, bidês, sufocados pelo mercado imobiliário e pelo gosto, um tanto quanto duvidoso e estranhamente unânime pelo cimento (REGALDO, 2013,p.157)

Belo Horizonte influencia a região de Venda Nova drasticamente tanto na prestação de serviços, como na maneira de ocupar e desenvolver seus espaços, como observado na linha do tempo anteriormente. O poder público nota a importância de fomentar as práticas da AU. A Lei nº 10.255, de 13 de Setembro de 2011, institui a Política Municipal de Apoio à Agricultura Urbana onde no seu Art. 1º diz:

Art. 1º - Fica instituída a Política Municipal de Apoio à Agricultura Urbana, como parte integrante da política municipal de abastecimento, em harmonia com a política urbana e voltada para a segurança alimentar e nutricional da população, em bases sustentáveis. (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 2017).

Em teoria, o poder público deveria fomentar a propagação dessas práticas no meio urbano. Segundo Regaldo (2013), as hortas comunitárias se constituem como mecanismo de apropriação e resistência a espaços para o convívio social das cidades. “Para além da geração de renda e da segurança alimentar (...) eles apontam para outras formas de existir na cidade e ocupar, produzir e compartilhar outros espaços, outros tempos, outras lógicas” (REGALDO, 2013, p. 156).

Sendo assim, as hortas comunitárias são uma forma de resistência e de (re)estruturação dos lugares, dos bairros e das ruas, frente ao contexto urbano que prioriza os espaços para a passagens e não para a construção de identidades.

#### **5.4 Estudo de Caso**

A escolha do bairro Serra Verde em Venda Nova ocorreu devido do fato de que é uma região que vem sofrendo uma reestruturação do espaço com a chegada da Cidade Administrativa em seu entorno, alterando assim a configuração de apropriação do Serra Verde, antes mais residencial, e que agora conta com grandes fluxos de carros e com grande especulação imobiliária na região.

O movimento aumentou muito depois da instalação da administração do governo estadual aqui. Antes, dava para atravessar a Avenida Leontino Francisco Alves sem enfrentar trânsito quase nenhum. Há menos de três décadas, o bairro não dispunha de serviços de infra-estrutura suficientes para atender à população(...).

Formado basicamente por casas, o Serra Verde tem registrado grande procura por imóveis, seja para alugar ou para vender. Além disso, lotes estão cada vez mais valorizados na região, devido à implementação da Cidade Administrativa no bairro. Conforme pesquisa realizada em fevereiro de 2010 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal de Minas Gerais (Fundação Ipead/UFMG), os valores médios de aluguel na região estão em torno de R\$ 460, tanto para casas, quanto para apartamentos, ambos de dois quartos. No mercado de compra e venda, apartamentos de dois quartos foram avaliados entre R\$ 70 mil e R\$ 158 mil. (BAIRROS DE BELO HORIZONTE, 2017)

A partir das visitas de campo e de uma observação participante durante os finais de semana dos meses de agosto, setembro e outubro de 2017, foi possível notar como existe uma maioria feminina no cuidado dos plantios urbanos no contexto das hortas comunitárias do Serra Verde. Maioria essa que já foi observada por estudos das autoras Almeida e Costa(2012).

A constatação de que a maioria das experiências de agricultura urbana tem em comum uma presença marcante de mulheres, traz o risco de reforçar os papéis de gênero socialmente construídos que atribuem às mulheres o trabalho doméstico relacionado à alimentação e saúde da família e o trabalho de cuidados (na vida comunitária, na proteção da natureza...). (ALMEIDA, A.COSTA,H. 2012, p. 69)

Para entender como a agricultura urbana, através da horta comunitária da associação de moradores do Serra Verde, funciona como um mecanismo de (re)apropriação do espaço frente à gentrificação que o espaço vem sofrendo, foram feitas uma série de entrevista com três grupos: os gestores da associação e das hortas, os agricultores da horta e os moradores do entorno.

A partir destes grupos, o intuito das entrevistas é averiguar como as hortas comunitárias do bairro ajudam na solidificação das relações e como esses atores veem a modificação do espaço em que vivem. Um dos problemas mais pontuados pelos moradores do entorno foi o aumento de tráfego no bairro.

Diante disso, procurou-se entender como as hortas comunitárias do bairro ajudam no enfretamento da lógica de crescimento e desenvolvimento que deixa os bairros mais impessoais e a mobilidade por outros meios não motorizados inviabilizados.

Entretanto a motorização crescente reduziu, drasticamente, as oportunidades para caminhar e pedalar e, enquanto alguns grupos realmente conquistam maior liberdade de mobilidade, grupos ainda maiores se encontram com

menos liberdade e talvez sem opções efetivas de deslocamento. (GEHL, 2013, p, 218)

## 6 DISCUSSÕES E RESULTADOS

A partir das idas ao campo e das observações participantes, pode-se notar um ganho comunitário específico que as hortas proporcionam ao bairro. Específico porque os agricultores relataram que os moradores pensam que não poderiam usufruir do local. Segundo eles, com a nova administração da horta comunitária, são estipulados horários de funcionamento que acabam por impedir que haja frequentadores constantes. As pessoas que frequentam a horta para a compra de produtos se mantêm do lado de fora, separadas por um muro e um portão que dão acesso aos canteiros da horta, com uma placa assinalando que a entrada só é permitida com autorização.

Figura 20: Vista das hortas pelo lado de dentro da associação



Fonte: Arquivo pessoal

As compras são feitas assim: aborda-se algum produtor pelo muro (Fig.) a fim de saber se ele tem o produto desejado, se este não tiver, ele indica algum conhecido que tenha o produto.

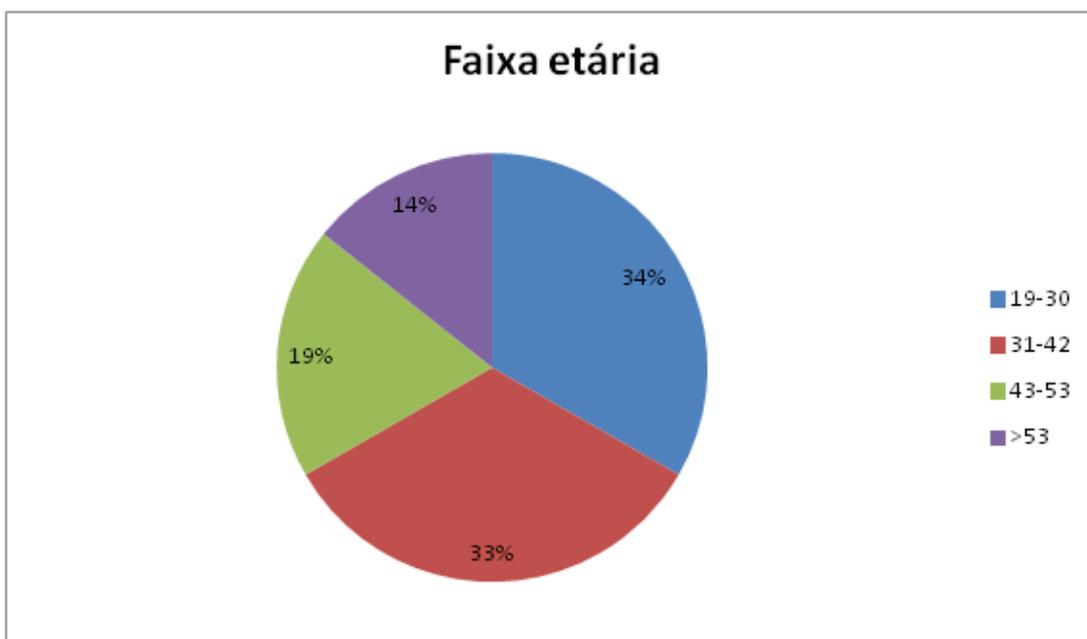
Outro problema averiguado foi de que a população que faz uso desses produtos reclama bastante dos preços, problema este que poderia ser sanado, como apontam os responsáveis pela horta, com a ajuda do poder público, com alguns subsídios para a manutenção da horta e do espaço como um todo. Porém, os moradores do bairro que foram comprar produtos durante a observação participante pontuam que um lado positivo dessas hortas existirem é que os aposentados do bairro têm alguma atividade

que ocupa o tempo deles, fazendo-os se sentirem úteis para a comunidade ou para sua família. A partir dessa observação participante, percebe-se que as hortas têm uma função pontual de lazer e produção familiar, principalmente para um grupo etário específico.

### 6.1 Moradores do Entorno

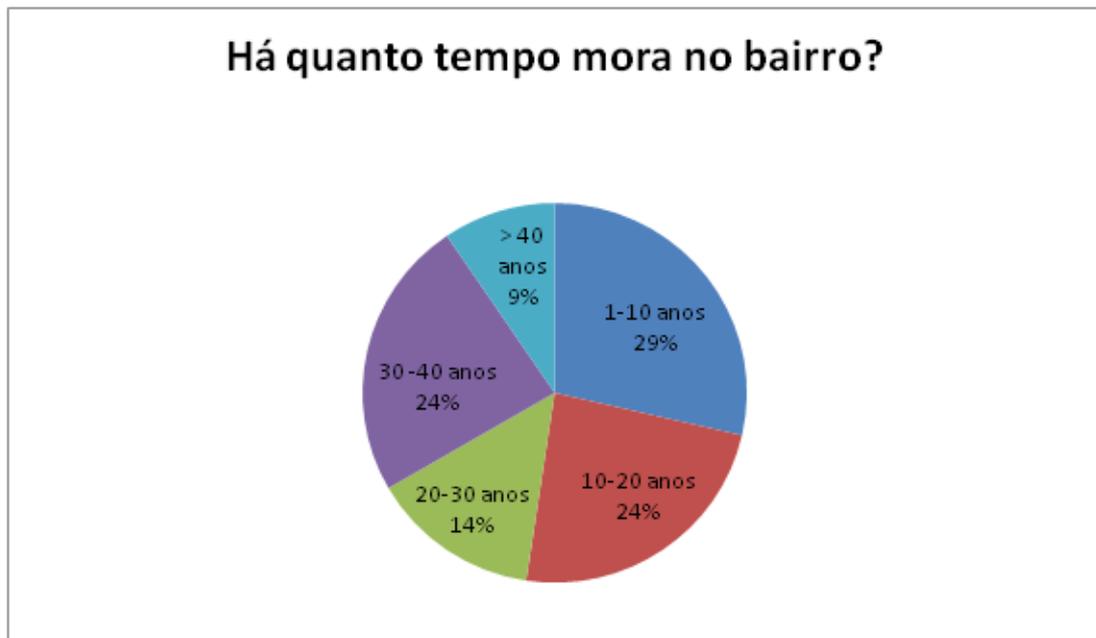
Para tentar entender a visão de parte da população moradora no entorno da associação de moradores com o bairro, foram feitas algumas entrevistas para mapear o perfil da AU e de levantar a sensibilidade dos moradores em relação ao que gostam, as mudanças e o que gostariam que tivesse no seu local de moradia. Entre os entrevistados, a maioria era do sexo feminino (62%) e a maior faixa etária está compreendida entre os 19 e 30 anos (Gráf. 1).

Gráfico 1. Faixa etária dos M.E entrevistados



Dentre os moradores entrevistados, 29% estão com residência no bairro de 1 a 10 anos e apenas 9% mora no bairro há mais de 40 anos, conforme o gráfico 2.

Gráfico 2. Tempo de residência do M.E entrevistados.



A população que reside no máximo 10 anos no Serra Verde (Gráf.2), quando perguntados sobre mudanças que a chegada da Cidade Administrativa de Minas Gerais causou na região do bairro, foram apontadas algumas características. Segundo o M.E. 14: “As melhorias foram a valorização dos imóveis, a vinda de empresas para a região, melhoria do trânsito e etc.”.

Já o M.E. 20, residente há 7 anos aponta:

De benefício eu vejo a Araújo só que veio pra cá, prometeram um monte de coisa, mas só a Araújo mesmo que veio, falta policiamento, ali perto dos ônibus onde as pessoas vão pra cidade administrativa tem policiamento, agora dentro do bairro mesmo, a policia só para na padaria pra tomar café.

Para os moradores mais recentes, as principais modificações são nos valores dos imóveis e na possibilidade de transitar para grandes corredores de carro, como a MG-10, avenida Cristiano Machado e avenida Antônio Carlos, vias estas que ligam o bairro ao centro de Belo Horizonte, além da chegada de um tipo de comércio pelo qual até então o Serra Verde não era atendido.

Os moradores que residem entre 20 e 40 anos no bairro apontam muitas melhorias quanto à infraestrutura do local, porém, reclamam da falta de policiamento nas ruas, questão também apontada pelos moradores mais recentes, e trazem um novo dado, o aumento do fluxo de carros dentro do bairro.

A seguir, alguns relatos de quando perguntados sobre as modificações que a CAMG trouxe para o contexto do bairro.

O M.E. 15, residente no bairro há 35 anos diz:

(...)movimento tá mais, de todos os tipos, carro e de pessoas desconhecidas tem muito barracão de aluguel, ai a gente perde a intimidade com os vizinhos, a gente passa a não conhecer mais todo mundo que mora na nossa rua, antigamente eu conhecia todo mundo, hoje não sei quem mora na rua de cima da minha casa. O povo que trabalha na cidade administrativa também é pobre mas o povo acha que é rico, ai eles encarem tudo, o supermercado tá impossível tem de pesquisar mesmo antes de comprar.

O M.E. 16, que mora há 31 anos na região, relata: “A essência se perdeu, antes era muito residencial, as pessoas se conheciam, hoje é muito comercial, muita circulação de gente que eu nem conheço”.

Ambos entrevistados apontaram como a Cidade Administrativa impactou negativamente as relações dos moradores com o lugar. O aumento do tráfego de pessoas e de carros vai causando um distanciamento dos moradores que antes se conheciam e hoje não possuem mais relação com quem passa e mora no local.

Outros moradores apontam a melhoria do bairro para o comércio e comodidade para os moradores, porém sempre se lembram do aumento de carros dentro das ruas em que circulavam. “Sim. Melhorou para o comércio como os restaurantes, porém o trânsito ficou muito intenso” (M.E. 9, há 33 anos no bairro).

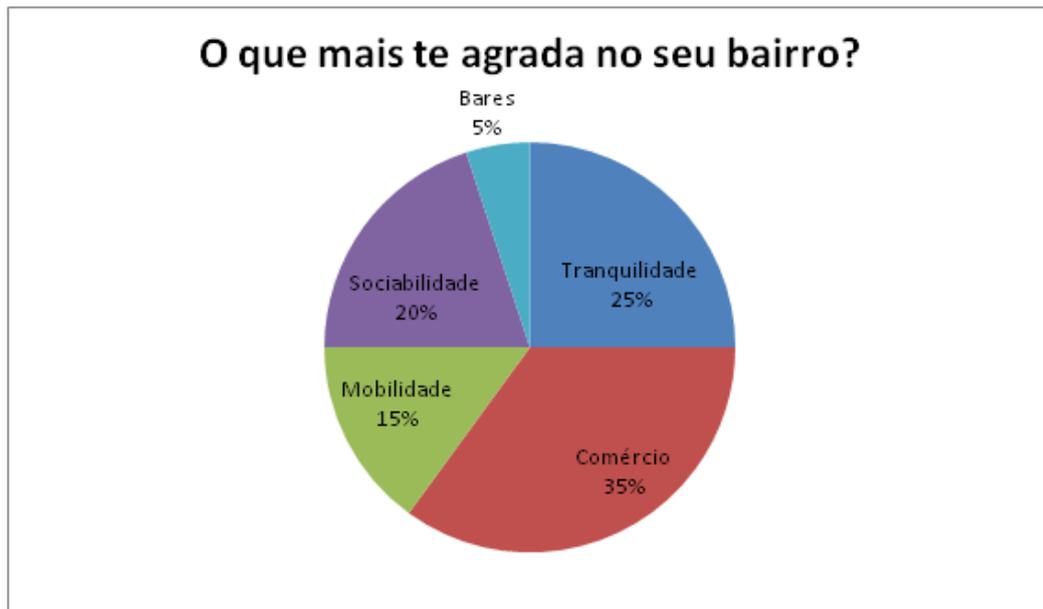
“Houveram[sic] melhorias no asfalto e diminuiu o número de animais na rua (vacas e cavalos), trouxe maior visibilidade pra região, aumentando o número de serviços disponíveis. Um malefício foi o aumento de trânsito local” (M.E. 5, há 21 anos no bairro). “Sim. Está muito mais movimentado, principalmente aumento do número de carros” (M.E. 4, há 22 anos no bairro).

Dois entrevistados reconhecem que o aumento dos carros no bairro foi negativo para o Serra Verde, sempre apontado como um malefício da chegada da Cidade Administrativa de Minas Gerais. “Como benefício a segurança pública e malefício o aumento do fluxo de carros causando trânsito nas ruas” (M.E. 2, há 21 anos no bairro). “Sim. Malefícios: o trânsito intenso em certos horários” (M.E. 1, há 20 anos no bairro).

Após analisar o que eles notaram de mudanças no bairro, foi questionado sobre o que mais lhes agrada ter no bairro. A facilidade de comércio e a tranquilidade são os mais

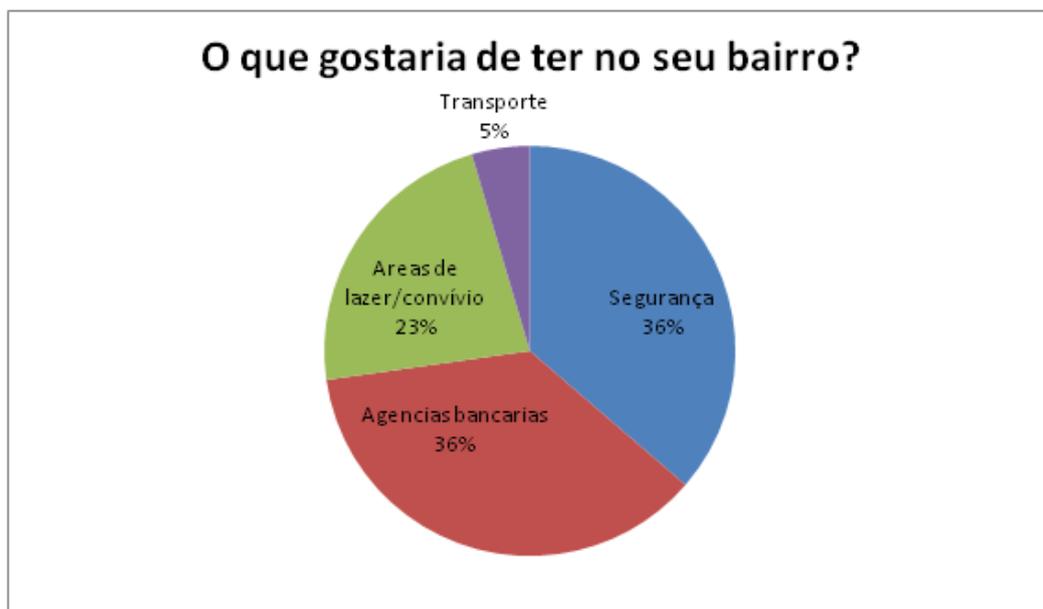
apontados, seguido por uma boa parte do convívio que o bairro proporciona, como visto no gráfico 3.

Gráfico 3. O que mais agrada os M.E. entrevistados



Para tentar entender o perfil das pessoas entrevistadas e como elas viam o espaço do bairro, foi perguntado o que elas gostariam de encontrar no bairro (Gráf.4). Segurança e agências bancárias foram os mais apontados por 36% dos entrevistados cada, seguidos de área de lazer com 23%.

Gráfico 4. O que dos M.E entrevistados gostariam de ter no bairro.



As agências bancárias foram apontadas, em sua maioria, por entrevistados que já estão aposentados, o que justificaria esse pedido, uma vez que a mobilidade seria mais eficaz com agências no bairro (Gráf. 4).

É importante frisar que a segurança é pontuada por diversas faixas etárias. A questão da segurança urbana no bairro é apontada por Jane Jacobs como uma herança e problema das nossas cidades advindas do urbanismo modernista. A autora frisa que Le Corbusier sonhou uma cidade em que fosse priorizado o tráfego de automóveis, o que causou uma piora na sensação de segurança pelos moradores, uma vez que essa lógica causa o esvaziamento pelos pedestres.

Ele procurou fazer do seu planejamento para automóveis um elemento essencial de seu projeto, e isso era uma ideia nova e empolgante nos anos 20 e início dos anos 30. Ele traçou grandes artérias de mão única para trânsito expresso.(...) manteve os pedestres fora das ruas e dentro dos parques. (JACOBS, 2000, p.23)

Para Jacobs, não é o maior policiamento que irá trazer mais segurança para as ruas da cidade e de seus bairros, mas sim a própria forma da população apropriar de suas ruas, fazendo sua vigilância, pois ruas ocupadas e com trânsito constante de pessoas são mais seguras.

Devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixa-la cega. (JACOBS, 2000, p. 35-36)

As ruas multifuncionais são apontadas como uma possível solução para o aumento da segurança urbana, porque em uma rua a possibilidade de ter-se bares, restaurantes, comércios e residências faz com que o fluxo constante de pessoas aconteça, mantendo assim os olhos e a vigilância urbana em movimento.

O Serra Verde é um bairro residencial, porém, suas ruas principais são mistas, elas possuem comércio que mantém o trânsito de pessoas pelas ruas. Durante a noite, os comércios dão lugar a bares, conhecidos na região, onde movimentam pessoas dos bairros vizinhos e do próprio Serra Verde.

A calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos dos edifícios da rua a observar as calçadas. Ninguém gosta de fuçar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia. (JACOBS,2000, p.36)

Assim sendo, a maior circulação de pessoas nas ruas, indo ou voltando para a associação de moradores, para as hortas comunitárias e utilizando os comércios e os bares do bairro estão reavendo os espaços para pedestres e tornando o bairro mais seguro.

A segurança das ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade e desconfiança exatamente quando as pessoas utilizam e usufruem espontaneamente e estão menos conscientes, de modo geral, de que estão policiando. (JACOBS, 2000, p. 37)

Sendo assim, ao (re)apropriar as ruas e os espaços do Serra Verde para o convívio coletivo os moradores acabam por conseguir o que mais desejam, que é a segurança no bairro.

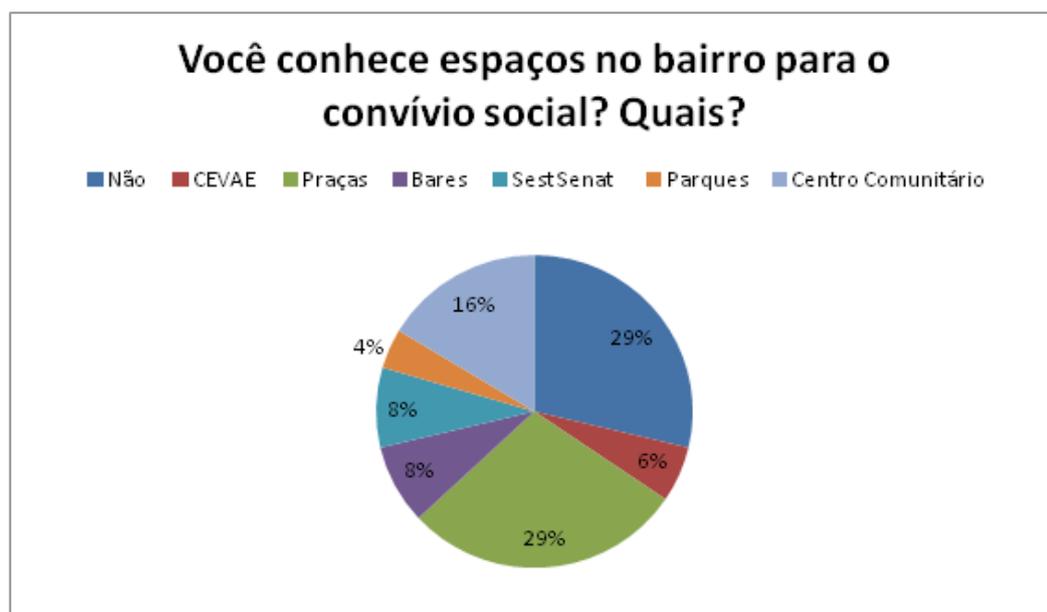
As áreas de lazer foram apontadas e sempre argumentadas para que as crianças pudessem usufruir dos espaços. Quando perguntados sobre espaços que aumentem e fomentem o convívio social do bairro, 29% dos entrevistados não conseguiram apontar um espaço. Alegaram que a insegurança impossibilita que ocupem os espaços coletivos e que utilizem deles com calma e sossego.

A M.E. 20 pontua, ao dizer que gostaria de ter no Serra Verde mais segurança: “Não pode passar nessa praça às 22 horas, por que tem jovem aqui fumando e jogando coisas nas pessoas, é muito perigoso”. Quanto aos espaços de convívio que ela conhece, ela relata: “Só essa praça mesmo, mas eu nem sei o nome dela, só de dia, porque a noite é perigoso até de cortar caminho aqui”.

A falta de segurança ou a sensação de falta de segurança causa nos moradores um afastamento de alguns locais para o convívio social no bairro. Para os entrevistados, os lugares de convívio social mais citados são as praças, apontadas por 29%, e o centro comunitário aparece em 3º lugar com 16% dos apontamentos pelos entrevistados. A praça do bairro é bastante utilizada pela associação de moradores em seus projetos, e por ser em um espaço aberto acaba por ter maior percepção pelos moradores do bairro. Assim como relatou a presidente, a associação utiliza a praça para feira de artesanato, além de cuidarem dos jardins da praça e de plantarem nela, sejam por árvores frutíferas ou na manutenção da grama. Para a presidente da associação esse contato para além da contemplação mostra o potencial da associação para que conscientize e estimule seus frequentadores e aos moradores do entorno, que se apropriem dos espaços externos.

A Associação de Moradores foi citada por 16% dos entrevistados como espaço para o convívio do bairro (Gráf.5), enquanto 62% dos moradores a conhecem (essa porcentagem não se restringe a pessoas que frequentam o local, mas que de alguma forma tenham conhecimento da existência da instituição no bairro). O que nos leva a porcentagem de 46% dos moradores entrevistados que conhecem e não consideram a associação um importante mecanismo para o convívio no bairro.

Gráfico 5. Espaços de convívio social apontado pelos M.E. entrevistados

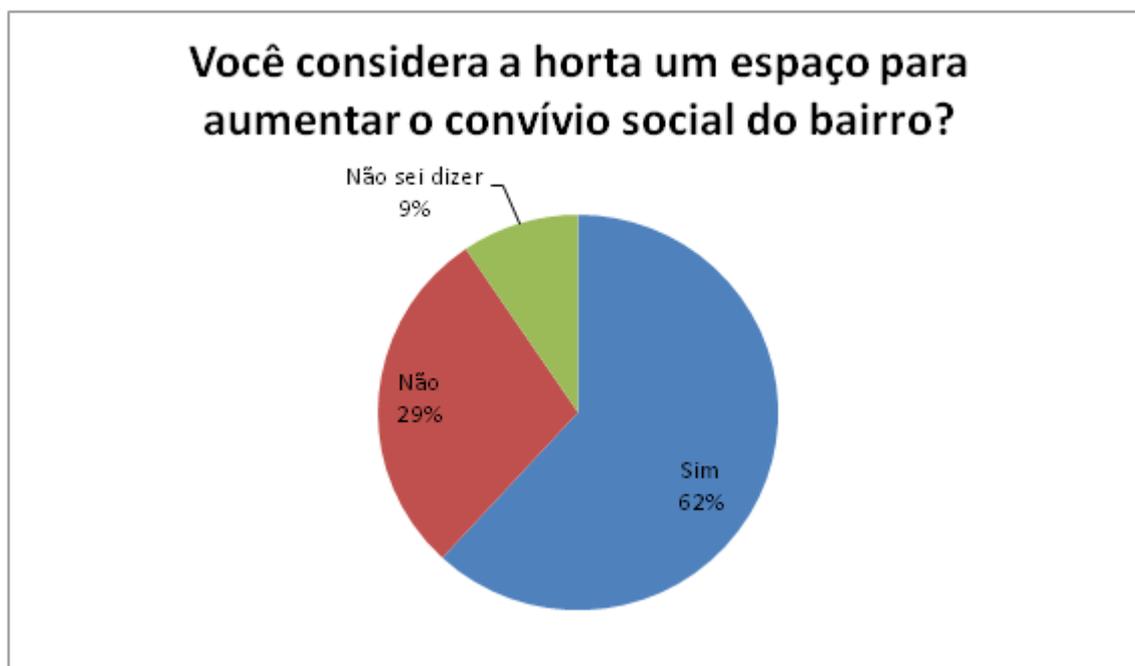


Quando perguntados sobre o conhecimento da horta comunitária no bairro, 81% das pessoas entrevistadas dizem saber que existe a horta na associação. Já as pessoas que consomem produtos advindos da horta são um total de 48% e elas não necessariamente compram os produtos, mas também ganham de vizinhos ou parentes que trabalham na horta.

Quando indagados sobre a importância das hortas para o convívio social do bairro (Graf. 6), 62% apontaram as hortas como um mecanismo para o aumento da sociabilidade no bairro. Os outros 29% que disseram que não consideram, argumentam que as hortas comunitárias são uma “panela”, como diz uma entrevistada: “Não acho não, o povo aqui é fechado em uma panela, as pessoas não conseguem entrar nos canteiro sem permissão, é bem restrito mesmo. É difícil se sentir pertencida aqui” (M.E.

16). Alguns entrevistados relatam que as hortas comunitárias, devido a restrição de horários de uso, acaba impossibilitando outros usuários, causando a percepção de quem as utiliza serem sempre as mesmas pessoas.

Gráfico 6. Se os M.E. entrevistados consideram as hortas mecanismos para aumentar a sociabilidade no bairro



Quando perguntados sobre os ganhos (ou não) do bairro ao ter-se uma horta comunitária, algumas falas mostram a importância da sociabilidade para os aposentados e do bem estar que a área verde como paisagem trás ao bairro. Ainda são apontados o ganho para a educação infantil e para o acesso a alimentos mais saudáveis:

- “Principal ganho é para os idosos que tem o espaço como terapêutico”. (M.E.2)
- “A comunidade ganha acesso a alimentos saudáveis e acessíveis”. (M.E.5)
- “Para educação infantil”. (M.E.7)
- “Qualidade de vida e interação social”. (M.E.8)
- “Existe ganho. Pelo que eu sei principalmente nas questões de usar os produtos da horta no sopão comunitário”. (M.E.9)
- “É bom para as pessoas se interagirem mais”. (M.E.13)

- “Convívio social, uma comunidade saudável, economia na feira e etc.”. (M.E.14)
- “Os aposentados adoram, então é um ganho pra eles, melhor qualidade de vida né?” (M.E. 17)
- “Acho bom porque tem lugar que não tem nada mesmo, nós temos onde ir para comprar verdura natural, remédio, também acho muito importante então eu só vejo é vantagem mesmo” (M.E. 18)

Para a população do entorno, a horta exerce uma função de soberania alimentar e de convívio para os moradores, principalmente para os idosos. A horta se torna uma forma de (re)apropriar os espaços por estes agricultores aposentados que voltam a vivenciar o bairro e conviver com seus pares.

## **6.2 Agricultores**

Para entender como os agricultores ocupam o espaço da horta e do bairro foram feitas também uma série de entrevistas com alguns participantes e relatos obtidos em conversas durante a observação participante.

Dentre os entrevistados e a observação participante dos campos, foi possível notar uma grande parte de pessoas do sexo feminino (57% dos entrevistados) nas hortas durante as visitas, e 50% dos agricultores estão dentre a faixa etária de 61 a 79 anos.

Gráfico 7. Faixa etária dos AG da horta comunitária entrevistados.

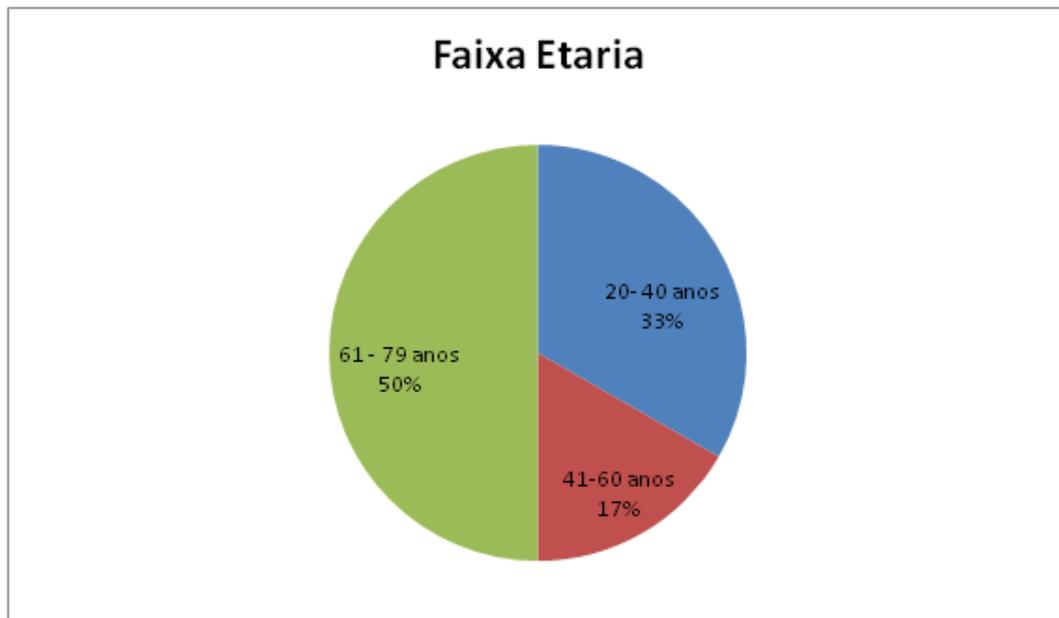
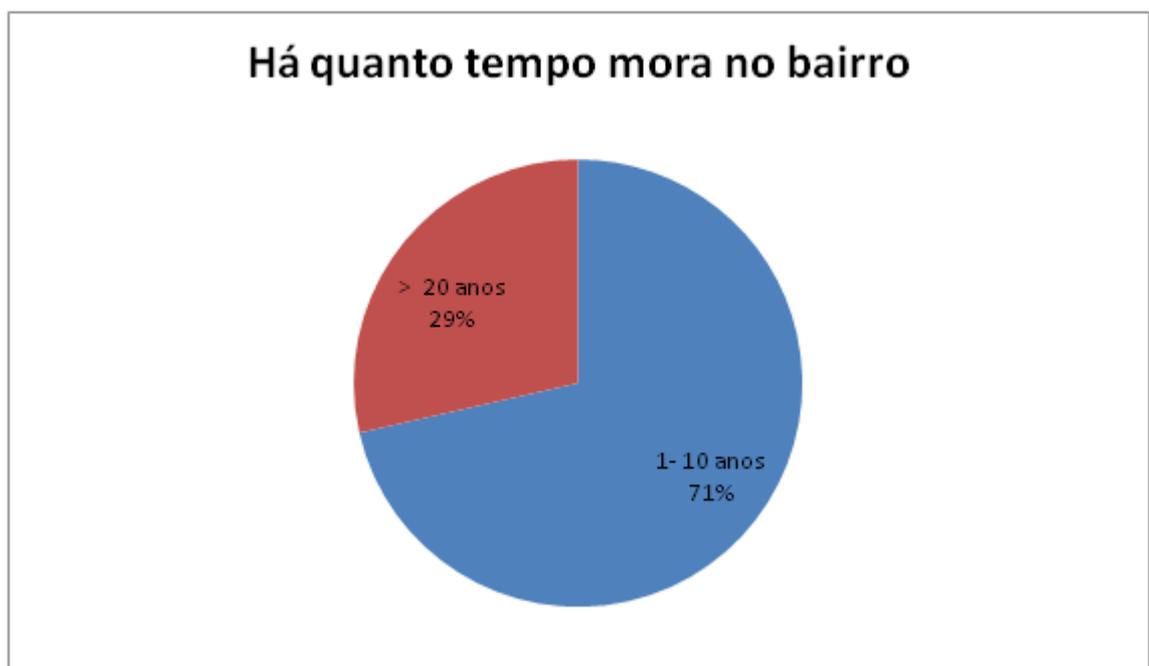


Gráfico 8. Tempo de residência no bairro dos AG da horta comunitária entrevistados.



A maioria dos agricultores reside no bairro há pelo menos 10 anos(Gráf.8) e dizem ter vindo da região metropolitana de Belo Horizonte para o bairro pela possibilidade de terem seu próprio espaço e ser um bairro com fácil acesso ao centro da cidade.

Os donos de canteiros na associação de moradores, quando perguntados sobre o que mais lhes agrada no bairro, pontuam 37% a sociabilidade que o bairro proporciona a

eles. A tranquilidade do bairro é apontada por 25% e o ambiente por 13% (Gráf. 9). Como ambiente, os entrevistados sempre pontuavam a vista do Parque Estadual Serra Verde e a possibilidade de passar as manhãs na horta.

Gráfico 9. O que mais agrada os AG da horta comunitária



Para esse grupo de entrevistados a segurança também é vista como um ponto principal do que eles almejam no bairro, empatada com a vontade de mais áreas de lazer pelo Serra Verde ( Graf.10).

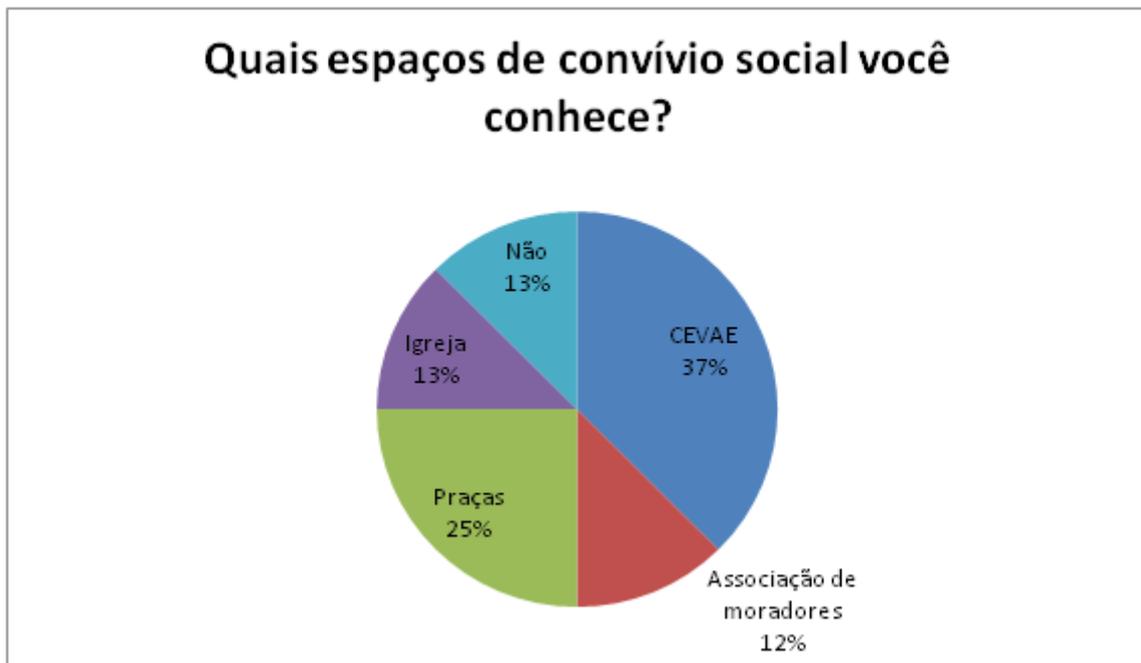
Gráfico 10. O que os agricultores da horta comunitária entrevistados gostariam de ter no bairro.



Os espaços mais citados para o convívio social pelos agricultores no Serra Verde são o CEVAE, apontado por 37% dos entrevistados. É um espaço que, para a prefeitura de Belo Horizonte, tem bastante importância frente a nova urbanização que o bairro vem sofrendo. “Com a instalação da Cidade Administrativa nas suas proximidades e o aumento acelerado da urbanização local, cresce a importância dos serviços ambientais prestados por este CEVAE” (PREFEITURA BELO HORIZONTE, 2017).

Apesar desses agricultores não terem um canteiro no CEVAE eles reconhecem a importância desses mecanismos para a reapropriação dos espaços que a urbanização do local vem sofrendo. A importância da horta comunitária para esses agricultores extrapola apenas o consumo de alimentação saudável, elas englobam a sociabilidade desses indivíduos e maior reconhecimento com o bairro. Quando questionados sobre a função das hortas comunitárias para o convívio social no bairro, todos os entrevistados pontuaram que as hortas são importantes para tal função.

Gráfico 11. Quais espaços para sociabilidade os AG da horta comunitária entrevistados conhecem.

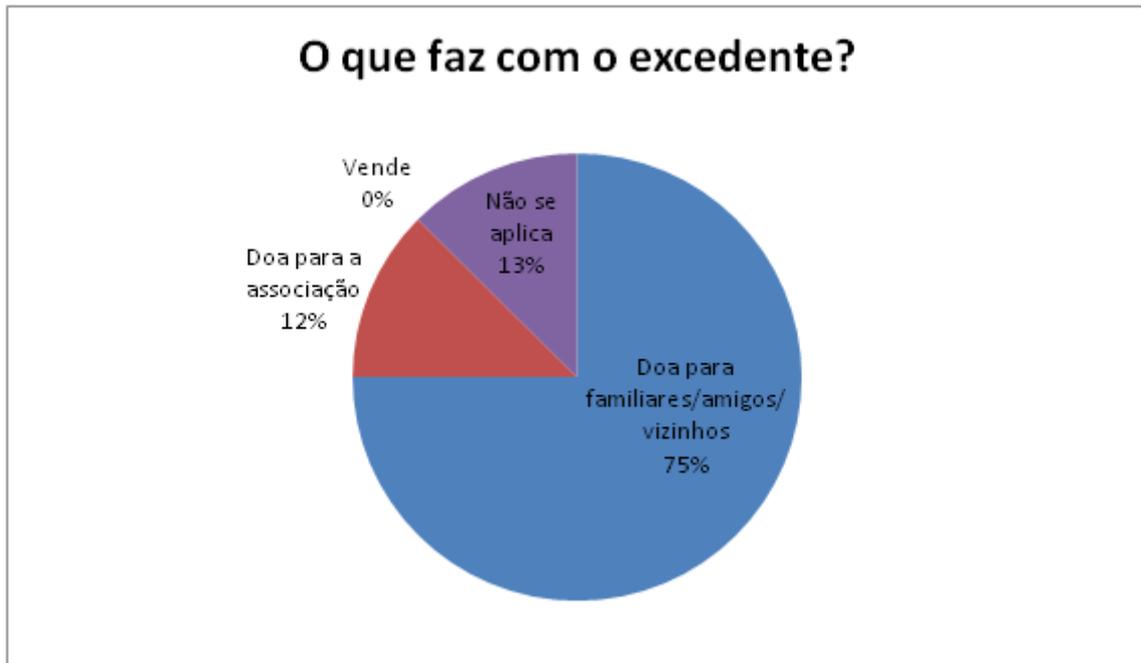


Dentre os entrevistados, a maioria possui o canteiro há, no máximo, 5 anos. Um agricultor recente foi descoberto durante a pesquisa, uma AG que começou seu canteiro há 20 dias e já vem plantando com sua família, usando aquele ambiente para conseguir superar o luto de suas filhas.

A maioria dos agricultores entrevistados (57%), assim como o exemplo citado acima, leva seus familiares para participarem do processo de plantio e colheita nos canteiros.

86% dos agricultores utiliza a horta para o consumo próprio e, quando a produção é muito grande, o excedente é doado para amigos, vizinhos, ou para a associação utilizar os alimentos com a finalidade de fazer o sopão para as pessoas em piores condições financeiras.

Gráfico 12. O que os AG fazem com o excedente



Quando perguntados sobre as mudanças que a cidade administrativa de Minas Gerais trouxe ao bairro, os moradores pontuam o maior fluxo de carro e pessoas dentro do bairro. “Mudou bastante, tem mais gente diferente, mas eu gosto daqui” (AG.1). “Melhorou porque muita gente conseguiu emprego, piora foi que o trânsito aumentou, o ônibus demora, aumentou muita gente no bairro” (AG.2).

Um agricultor pontuou que ao mesmo tempo em que aumentou o policiamento, as ocorrências de assalto também aumentaram: “Positivo: Segurança, mais policiamento. Negativo: mais bandido, ficou mais visado” (AG.3). Foi apontado também como o bairro valorizou após a chegada da CAMG no Serra Verde: “Deu uma evoluída, valorizou” (AG.4).

As experiências que motivaram os agricultores a terem seus canteiros na associação de moradores dos bairros, foram múltiplas. “Eu moro em apartamento e sempre quis ter um espaço pra plantar, ai vi aqui essa oportunidade” (AG.7). “Fazia uns serviços na praça, ajudava na limpeza, plantava umas flores, umas árvores e pedi um espaço pra plantar aqui” (AG.6).

Questões de saúde e soberania alimentar aparecem em alguns relatos: “Por ter tido anemia meu médico receitou que eu me alimentasse melhor, ai eu vi a horta aqui e

resolvi ter esse canteiro, tenho dois hoje” (AG.3). Outras questões como melhoramento da qualidade de vida foram apontadas também: “Ocupar, eu gosto muito de mexer com as plantas” (AG.1). “Passar aqui e ver a horta, e mexer com as plantas” (AG.2).

Para os agricultores, quando perguntados se a horta exercia um papel de aumento do convívio social do bairro, alguns relatos surgiram. A AG.1 fala sobre a importância para o bairro ter aquele local, “verde né? bonito”. “Ajuda, como eu disse, aumenta a troca de conhecimento, conversas, e acalma a correria do dia a dia” (AG.3). Ganhos estes que não se resumiam ao bem estar coletivo, mas também se relacionavam ao bem estar individual que a prática coletiva trás. “O ganho pra mim é que me ajudou a distrair, melhorou 99% meu braço que com a fisioterapia não tava melhorando mas agora tô bem melhor, mexendo na terra né?” (AG.4). “Os ganhos pra mim é de educar meus filhos sobre alimentação, eles não sabiam nem de onde vinha o leite (risos)” (AG.5).

Com estes relatos foi possível ver que as hortas comunitárias da Associação de Moradores do bairro Serra Verde para os agricultores extrapola apenas a arte de plantar e se alimentar. Causam benefícios como ocupação do tempo, educação alimentar e ambiental para os filhos, melhorias para momentos difíceis que passam na vida e benefícios para a saúde física, pelo contato com a terra e com o plantio.

### **6.3 Gestores da Associação e da Horta Comunitária**

A presidente da associação, GE.1 (Gestora 1), possui um canteiro para o uso da Associação de Moradores. GE.2 (Gestora.2), que possui 5 canteiros, e GE.3 (Gestora 3), que possui 6 canteiros, são ambas coordenadoras da horta comunitária. Foram entrevistadas para tentar entender as ações que a horta propicia e como elas veem os benefícios que a horta pode oferecer para as pessoas e para o bairro.

Quando perguntadas sobre as mudanças advindas com a CAMG elas responderam: “Sim. Tá bem mais movimentada as ruas” (GE.3). “Sim. Igual o centro da cidade agora né? Fico minutos tentando atravessar, se não fosse a rotatória que eles fizeram depois, a gente não conseguiria atravessar de um lado para o outro da rua” (GE.2). “Piorou bastante. Os ônibus pioraram, preciso pegar dois, antes pegava um só. As pessoas não se conhecem mais, veio um pessoal pra cá que não participam do bairro, só vem pra cá

pra dormir, não sabem da horta, da associação. Não sabem dos projetos que desenvolvemos aqui” (GE.1).As três apontam o maior fluxo de carros e pessoas dentro do bairro e a impessoalidade que isso vem acarretando ao Serra Verde.

Sobre os projetos e programas sociais que a horta e a associação oferecem:“Vem gente fazer pesquisa, eu dou palestras, dei uma esses dias na COHAB, a comida, o marmitex” (GE.1).Para a GE.2, ainda faltam parcerias com o entorno da horta.

Deveria ter mais né? A gente tinha uma feira na cidade administrativa, durou um ano, porque tinha de levar alimento e muito toda sexta feira, e não dava tempo de levar um produto de qualidade toda sexta feira. As escolas poderiam comprar mais barato da gente, mas elas compram por fora de outros produtores que não é a gente.

Quando perguntadas sobre o papel da horta como lugar para o aumento do convívio social do bairro,a presidente acredita na função social da horta. Diz ter construído um banco para as pessoas chegarem e utilizarem e não só irem plantar, e colher, mas também conversar.“Sim, muito, e por isso construí esse banco aqui, para as pessoas sentarem aqui, conversarem,olharem o verde e a horta” (GE.1).

A GE.3 relata uma experiência pessoal com a horta: “Sim, ela ajuda como terapia, ajuda em problema saúde, vim pra cá doente e hoje estou bem melhor”.Para a GE.2, a educação ambiental é essencial

Sim. Recebemos grupos escolares, pra ensinar as plantas e as propriedades, a plantar, de onde veem os alimentos e que alimento é que alimento, vem criança aqui que não sabe o que é couve e um alface, então é importante, essas crianças estão perdendo isso, então um contato com a horta é essencial.

Questionadas sobre o ganho do bairro em ter uma horta comunitária, a GE.2 aponta que mesmo a população que não dava muita importância para as hortas, atualmente tem olhando para estas com outros olhos, pois, segundo ela, está chique falar de hortas.

A população não vê utilidade na horta, porque elas acham que tá aqui, sem esforço, sem gastar tempo e dinheiro e chegam aqui pedindo as coisas, a gente tem de vender né? Tem de pagar água, esterco, fora que a gente fica nesse sol. Ai eles não veem retorno pra eles.Hoje em dia tem valor quem mexe com horta, hoje é chique, antes também era né? As meninas queriam casar com os fazendeiros, mas hoje é mais chique.

A GE.2 ao dizer que atualmente é chique o plantio urbano, ela remete as possibilidades e a visibilidades que as hortas comunitárias tem ganhado na cidade atualmente . Para GE.3, uma alimentação saudável é primordial: “uma alimentação melhor”.

A presidente da Associação diz que é um lugar que está aberto a todas as pessoas e ressalta o ganho ambiental e contemplativo de se ter uma área verde no bairro. “Pra trazer as pessoas né, tem de tudo, tirar a poluição do bairro, se sentir bem, contemplar isso aqui, ensinar como planta pras crianças”.

Em relação a outros espaços de convívio dentro do bairro, a GE.1 cita as praças. “Sim, as praças né? As pessoas não gostam, mas tem as praças”. Enquanto as GE.2 e GE.3 não conseguem apontar nenhum outro espaço para o convívio social no bairro.

A possibilidade de levar as atividades da associação para a praça do bairro fortalece a apropriação dos espaços pelos moradores, como também a visibilidade que a associação ganha. Configura-se assim uma conexão dos espaços de convívio social do bairro a fim de aumentar o alcance de suas atividades para atender a um número maior de moradores.

## 7 CONCLUSÃO

A partir dos estudos bibliográficos é possível afirmar que o surgimento e urbanização de Belo Horizonte afetou e afeta a forma de se apropriar e vivenciar o espaço na região de Venda Nova. O deslocamento das populações de baixa renda em busca de lugares com preços mais acessíveis a sua realidade, causou uma maior densidade em Venda Nova e, conseqüentemente, os loteamentos e a infraestrutura começaram a chegar à região.

A forma com que Belo Horizonte foi concebida e modificada para o uso de suas ruas pelos automóveis impactou a forma que Venda Nova ia se expandindo. Atualmente, a Linha Verde causa um grande impacto à região ao levar um grande número de carros aos bairros por motoristas que procuram um desvio de rotas para evitar os congestionamentos da grande via.

Com o acréscimo de carros às ruas, muitos moradores do bairro Serra Verde relatam dificuldades para realizar tarefas corriqueiras do seu cotidiano, como uma simples travessia, que agora necessita de semáforos para auxiliar o pedestre. Tal configuração desanima o pedestre a ocupar suas ruas, fazendo com que menos pessoas transitem pelo bairro e, conseqüentemente, trazendo uma sensação de insegurança à população que ainda circula a pé pelo bairro.

Apesar da tendência negativa de aumento do uso do automóvel, alguns desenvolvimentos positivos surgiram como reação à falta de interesse pela vida urbana como se via por volta de 1960 (GEHL, 2013, p. 5).

A associação de moradores do bairro Serra Verde possui vários programas sociais, aulas de músicas, academia e outras atividades que ajudam no contato entre os moradores e os motiva a sair de suas casas e ir caminhar até a sede da associação. Além desses projetos, o local também possui uma horta comunitária que os moradores também podem utilizar como agricultores, consumidores ou apenas contemplando os canteiros e os cultivos.

Após conhecer as experiências com hortas comunitárias da Associação de Moradores foi possível descobrir como estas hortas ajudam na (re)apropriação do espaço urbano,

por possibilitarem: mais convivência dos moradores com o espaço de seu bairro, aproximação dos moradores com os agricultores, consumidores, causando resgate de identidade, revalorização do espaço pelo seu valor de uso e não somente pelo de troca, ajuda na sustentabilidade local e na melhoria alimentar dos habitantes do bairro.

A partir da análise das entrevistas, pode-se notar que alguns moradores que não freqüentam ou conhecem a horta, segundo as gestoras, não vêm e não dão credibilidade aos trabalhos que ali as pessoas realizam, argumentando que não há um trabalho árduo para manterem os canteiros.

Para as gestoras do espaço, um dos elos fracos das hortas comunitárias é a falta de auxílio da prefeitura, que, para elas, deveria entrar com alguma forma de contribuição para que não fique tão caro manter a horta. A associação, como pontuou a presidente, é mantida apenas pela renda obtida na realização de aluguéis do salão de festas que possui.

Já alguns moradores do entorno pontuam como características negativas das hortas o espaço ser muito fechado ou para poucas pessoas. Nas palavras de uma entrevistada, “uma panela”, por serem as mesmas pessoas que a utilizam, apesar de várias pessoas irem procurar alimentos para o consumo nas hortas. A GE. 2, a atual coordenadora das hortas, estipula horários para que os agricultores e os consumidores usem aquele espaço e isso também é visto como uma forma de segregar as hortas que são comunitárias.

Um dos pontos positivos averiguados durante a análise é que alguns agricultores utilizam os produtos para ter uma renda complementar. Como o cultivo se dá de maneira natural e debaixo do sol, os agricultores colocam estes custos no produto final, o que leva os consumidores a reclamarem do preço. Porém, não é algo que os impeça de adquirir tais alimentos.

Outra visão comum entre os moradores do entorno é a de que os canteiros só fornecem ganhos pontuais para os aposentados, ocupando e distraindo o tempo livre dessas pessoas. O que mostra que as pessoas de outras faixas etárias não se identificam tanto

com o local. Apesar de terem conhecimento, alguns entrevistados acreditam ser um espaço voltado mais para os aposentados.

Durante a análise, foi possível perceber características que colocam as hortas e ajudam a fomentá-las, como mecanismos de apropriação do espaço e da sociabilidade no bairro. Com as entrevistas, percebe-se que 81% dos moradores do entorno entrevistados podem não frequentar a horta, mas a conhecem, passam por ela e vêm a movimentação diária no local e 62% a consideram como um mecanismo de convívio social no bairro. Já para os agricultores entrevistados, esse número sobe para 100% dos entrevistados, uma vez que estes não dissociam o lazer do trabalho e da sociabilidade.

Alguns entrevistados pontuam a melhoria que os canteiros proporcionam ao paisagismo do Serra Verde, em meio aos prédios, uma zona verde reconforta e trás bem estar. Bem estar este que também pode ser associado ao físico, com melhorias em relação a saúde relatadas pelos agricultores, ou psicológica, pois muitos utilizam as hortas como escape das suas duras realidades.

Os ganhos que estes canteiros trazem para os agricultores e para os moradores do entorno são inúmeras, algumas delas são: a possibilidade de se trabalhar a educação infantil e ambiental, com visitas das escolas, palestras dos agricultores nas escolas e ensinar para as crianças sobre alimentação saudável e como isso influencia na dinâmica não só do indivíduo, mas também do coletivo.

Como uma oportunidade futura, poderia explorar-se o potencial das hortas como um lugar de lazer, já que 37% dos agricultores pontuaram que, para eles, a horta se qualifica assim, como forma de aproximar não só os idosos, mas as outras faixas etárias que não se sentem parte do local.

Sendo assim, as hortas comunitárias da associação de moradores do bairro Serra Verde atuam como mecanismos de (re)apropriação do espaço urbano, uma vez que elas incitam os agricultores a circularem pelas ruas da cidade para chegarem ao seu destino na associação de moradores, assim como os moradores do entorno em busca de remédios, ou alimentos na horta, ou a passeio na sede da associação.

Para além da geração de renda e da segurança alimentar, que costumam nutrir os (ainda erráticos) discursos oficiais, eles apontam para outras formas de existir na cidade e ocupar, produzir, e compartilhar outros espaços, outros tempos, outras lógicas. Quem sabe um dia seus cultivos não contagiarão também outros jardins, trazendo diversidade à grama aparada semanalmente por jardineiros em outros cantos da cidade? (REGALDO, 2013, p. 15)

As hortas urbanas são importantes mecanismos para a manutenção socioambiental das cidades, são formas de (re)existir frente as atuais configurações citadinas de ocupação, voltada para máquinas e automóveis e não para as pessoas. Elas são uma maneira de reconquista das ruas e do trânsito de pessoas, trazendo assim vida, segurança, maior sociabilidade pelas ruas e bairros das cidades. Não somente vias para a simples passagem, de modo a ressignificar os espaços e (re)apropriá-los. As hortas urbanas então podem fazer parte de uma nova forma de planejamento urbano onde se leve em conta a parte humana das cidades.

É barato, simples saudável, e sustentável construir cidades para as pessoas – bem como é uma política óbvia para atender aos desafios do século XXI. Já está mais do que na hora de redescobrirmos a dimensão humana no planejamento urbano – no mundo todo.(GEHL, 2013, p 229)

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de; COSTA, Heloisa Soares de Moura. **Isto e aquilo**: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMVB). 2016. 438p., enc. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia
- ALMEIDA, D. A. O, COSTA, Heloisa Soares de Moura. **Agricultura urbana**: possibilidades de uma práxis espacial? *Cadernos de Estudos Culturais*, v.5, p. 10-22, 201
- APCBH, Arquivo Público – Coleção História de bairros de Belo Horizonte. Disponível em: <[www.pbh.gov.br/historia\\_bairros/VendaNovaCompleto.pdf](http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/VendaNovaCompleto.pdf)> Acesso em: 24/10/2017
- BALEM, Tatiane Aparecida; SILVEIRA, Paulo Roberto. **Agroecologia: Além de uma Ciência, um Modo de Vida e uma Política Pública**. S/D. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/01.pdf>> Acesso em: 22/11/2017
- **BAIRROS DE BH** Disponível em: <<http://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/bairros%20da%20regi%C3%A3o%20venda%20nova-/>> Acesso em: 24/10/2017
- BATALLER, Maria Alba Sargatal; BOTELHO, Maurilio Lima. O Estudo da Gentrificação. **Revista Continentes**, [S.l.], n. 1, p. 9-37, jul. 2012. ISSN 2317-8825. Disponível em: <<http://www.revistacontinentes.com.br/continentes/index.php/continentes/article/view/5>> Acesso em: 23/10/2017
- BORTHAGARAY, Andrés. **Conquistar a RUA!** Compartilhar sem dividir. Romano Guerra Editora, 2010.
- BORGES, Kelen Aparecida Daher. **A experiência da Agricultura urbana na RMBH**: Desenvolvimento e empoderamento local. Belo Horizonte, 2013
- CALVINO, Italo. **Os deuses da Cidade**. GEOUSP. S/D
- **Decreto nº 44.720**, de 12 de Fevereiro de 2008, regulamenta a lei nº 15.973, de 12 de Janeiro de 2006.

- **COURB** Instituto de Urbanismo Colaborativo. Disponível em: <<http://www.courb.org/pt/>> Acesso em: 24/10/2017
- **Curral Del Rey** Disponível em: <<http://www.curraldelrey.com/>> Acesso em: 19/10/2017
- **Decreto nº 44.720**, de 12 de Fevereiro de 2008, regulamenta a lei nº 15.973, de 12 de Janeiro de 2006
- **DIARIO OFICIAL DO MUNICIPIO-** Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1065673>> Acesso em: 19/10/2017
- DINIZ, Luciano dos Santos **-(Re)estruturação urbana e o processo de gentrificação em Venda Nova Belo Horizonte/MG**. São Paulo, 2015.
- ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE APOIO COMUNITARIO DO CONJUNTO HABITACIONAL SERRA VERDE
- GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- **Guia morador Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Piseagrama, 2013. 376p.
- HOLZER, W O lugar na geografia Humanista. Revista Território. Rio de Janeiro. ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07\\_6\\_holzer.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf)> Acesso em 24/10/2017
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- **Lei nº 10.255**, de 13 de Setembro de 2011, institui a Política Municipal de Apoio à Agricultura Urbana
- **Lei nº 15.973**, de 12 de Janeiro de 2006, que dispõe sobre a Política Estadual de Apoio à agricultura Urbana
- LEITE, A. F. **O Lugar: duas acepções geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998  
<https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/6197>
- LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. 8ª Ed. Rio De Janeiro: Record, 2015.
- MANO, R. **Um lugar dentro do lugar**. In:URBANIA 3. São Paulo. Editora Pressa, 2008. Disponível em: <<http://urbania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>> Acesso em: 23/10/2017

- MENDES, L. **Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado**. Caderno Metrôpoles. São Paulo, v.13, n.26, p.473-496, jul/dez 2011.
- Prefeitura de Belo Horizonte. **Planos diretores regionais: planejar uma BH melhor para todos**
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec. 1996. 308p.
- STARLING, H. **Fantasma da Cidade Moderna**. In: Margens Margenes. Buenos Aires, Belo Horizonte:, v.1, p.66 - 75, 2002

## **8 ANEXO 1 – PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO SEMI ESTRUTURADO**

### *Questionário a ser aplicado aos donos de horta*

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Sexo
- 4- Ocupação:
- 5- Há quanto tempo mora no bairro
- 6- O que mais te agrada no seu bairro?
- 7- O que gostaria de ter no seu bairro?
- 8- Você acha que o bairro está mudando suas características depois da vinda da CAMG para a região? EXEMPLIFIQUE, antes e depois (melhorias e malefícios)
- 9- Há quanto tempo conhece a associação de moradores serra verde
- 10- Há quanto tempo possui uma horta
- 11- O que te motivou a ter sua própria horta?
- 12- Sua família participa do processo? Relate essa participação brevemente
- 13- A horta é para consumo familiar? [ ] sim [ ] não
- 14- Se sim, o que faz com o excedente? Troca, vende, outros; Como você considera a sua alimentação antes e depois de ter uma horta?
- 15- Se não, qual o fim?
- 16- Você considera a horta um espaço para aumentar o convívio social do bairro?
- 17- Você conhece espaços no bairro para o convívio social?
- 18- Na sua opinião quais são os ganhos (ou não) do bairro ao ter-se uma horta comunitária ?

### *Questionário para os moradores do entorno*

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Sexo
- 4- Ocupação:
- 5- Há quanto tempo mora no bairro?
- 6- O que mais te agrada no seu bairro?
- 7- O que gostaria de ter no seu bairro?
- 8- Você acha que o bairro está mudando suas características depois da vinda da CAMG para a região? Exemplifique, antes e depois (melhorias e malefícios)
- 9- Você conhece a associação de moradores do Serra Verde?
- 10- Você sabe que a associação possui uma horta comunitária? [ ] sim [ ] não
- 11- Você consome algum produto da horta? Compra em feiras específicas, algum conhecido fornece/doa/vende ?
- 12- Você conhece espaços no bairro para o convívio social?
- 13- Você considera a horta um espaço para aumentar o convívio social do bairro?
- 14- Na sua opinião quais são os ganhos (ou não) do bairro ao ter-se uma horta comunitária?

*Questionário para os funcionários/gestor(a) da associação*

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Sexo
- 4- Ocupação
- 5- Há quanto tempo mora no bairro?
- 6- O que mais te agrada no seu bairro?
- 7- O que gostaria de ter no seu bairro?
- 8- Você acha que o bairro está mudando suas características depois da vinda da CAMG para a região? Exemplifique, antes e depois (melhorias e malefícios)
- 9- Há quanto tempo conhece/trabalha na associação
- 10- Você possui/possuiu uma horta?
- 11- Era pra consumo familiar, renda?
- 12- A associação efetua programas sociais a partir da horta? [ ] sim [ ] não . Caso seja afirmativa a resposta. Quais? Brevemente relate-os
- 13- Você considera a horta um espaço para aumentar o convívio social do bairro?
- 14- Você conhece espaços no bairro para o convívio social?
- 15- Na sua opinião, quais são os ganhos (ou não) do bairro ao ter-se uma horta comunitária?
- 16- Brevemente relate a história de como foi a implementação da horta, e apropriação e reconhecimento por meio dos moradores?
- 17- Quais as dificuldades?
- 18- Planos para o futuro da horta?
- 19- A horta recebe algum investimento do Estado? Órgão? ONG? Ou parceiro?